

21º LIVRO DAS SECAS

OTTO GUERRA

(Seleção e organização)

Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria



**Banco do
Nordeste**



FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO
COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE
SM

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNG-T-UN ROSADO

COLEÇÃO MS
SEM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ÍNDICE

1. O DIREITO POPULAR Hélio Galvão	05
2. PIRANHAS; DIFÍCIL SUA ERRADICAÇÃO. Pedro de Azevedo	08
3. PRIMEIRO PROJETO DE LEI NA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE Luís Câmara Cascudo	11
4. CARÁTER NACIONAL DAS OBRAS CONTRA AS SECAS Felipe Guerra	16
5. FINANCIAMENTO DAS OBRAS CONTRA AS SECAS Felipe Guerra	19
6. O MELHOR PROGRAMA Felipe Guerra	22
7. VIAS DE COMUNICAÇÃO Felipe Guerra	28
8. NORDESTE E FLORESTAMENTO Felipe Guerra	33
9. NORDESTE E FORRAGEM Felipe Guerra	36



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNG-T-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

10. NORDESTE E IRRIGAÇÃO	
Felipe Guerra	43
11. NORDESTE E COOPERATIVISMO	
Felipe Guerra	45
12. GRANDES AÇUDES	
Felipe Guerra	48
13. ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO	
Felipe Guerra	55
14. PEQUENA AÇUDAGEM	
Felipe Guerra	58
15. CANGACEIRISMO	
Felipe Guerra	62
16. HISTÓRIA DO ALGODÃO NO SERIDÓ	
Francisco Raimundo de Araújo	65
17. DNOCS E DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE	
Rui Simões de Medeiros	70
18. SOBREVIVÊNCIA DO BANGUÊ	
Reinaldo de Oliveira Sobrinho.....	73
19. AVITAMINOSE SERTANEJA	
Costa Porto.....	77



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

20. A CARNAUBEIRA NA ECONOMIA POTIGUAR R. Fernandes e Silva	80
21. ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE	84
22. CONFERÊNCIA FEITA NO GRÊMIO RIO GRANDENSE DO NORTE EM 10 DE AGOSTO DE 1916 NO RIO DE JANEIRO Amaro Cavalcanti	87
23. A MANGABEIRA. Osvaldo Martins F. de Sousa.	114
24. RADAM CONCLUI QUE NÃO FALTA ÁGUA NO NORDESTE.....	117
25. HIPOFISAÇÃO. O MILAGRE DOS PEIXES.	120
26. AÇÃO PARA EVITAR O EXTERMINIO DAS AVOANTES Hitoshi Nomura.....	123
27. UMA DEFINIÇÃO DE NORDESTE. Eduardo Campos.....	128
28. A RAPADURA INFLUI NA RESISTÊNCIA DO SERTANEJO.	133



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O DIREITO POPULAR

Hélio Galvão

Já de uma feita escrevi várias notas sobre o direito popular. Agora que se está cuidando da elaboração do Código Rural, valeria a pena retomar o assunto, para lembrar aos que vão compendiar esse direito rural, o dever de consulta objetiva à rude e áspera realidade dos nossos costumes jurídicos no Brasil interior. Dos projetos que conheço, muito há que suprimir e muito resta a acrescentar, se é propósito fazer lei viva para utilização real.

Nossas leis escritas teimam por desconhecer as leis tradicionais vigentes nas camadas populares, transmitidas oralmente, de geração a geração, íntegras no conteúdo jurídico e nas fórmulas verbais sob que se apresentam por vezes rimadas, sob ritmo quase litúrgico, que lhes assegura pronta memorização.

Quem vai ao vento perde o assento.

Quem dá e toma vira a corcunda pra o mar.

O prof. Joaquim Costa, ilustre juriconsulto espanhol, tem a respeito página de profunda e erudita observação: “A gênese do direito caminha de tropo em tropo, e o direito vigente se reduz a uma série de metáforas vivas de sinédoques partantes, de representações figuradas, de hieróglifos dramáticos que falam ao sentido. Assim, pode afirmar-se com segurança, que o direito romano foi, em seus princípios, um poema sério, uma ilíada jurídica, um drama colossal, representado no lar e no foro, dividi-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do em inumeráveis atos (actus legitimi) expressivos da vida civil, o nascimento, a adoção, o matrimônio, a transmissão da propriedade, a reivindicação, a herança, o processo criminal com argumento complicadíssimo, personalizações simbólicas, fórmulas sacramentais e enredos e lances sem fim (Teoria del Hecho Jurídico, 203).

E Foustel de Coulanges, sempre tão oportuno, lembra que, “durante longas gerações, as leis não eram escritas: transmitiam-se de pai a filho, com o fervor e a fórmula de prece. Eram uma tradição sagrada, que se perpetuava em redor da lareira familiar, ou da lareira da cidade”. E logo mais recorda que, “escritas ou não, essas leis eram sempre formuladas em proposições breves, comparáveis pela forma aos versículos do livro de Moisés”.

O princípio regulado pelo art. 498 do Código Civil, por exemplo, é sempre contrariado, nos meios rurais, no que se refere à propriedade de coqueiros. O coqueiro é árvore cujo valor econômico deve ser devidamente considerado. Sua propriedade independe da propriedade do solo e pode ser transmitida livremente. Tanto assim que em inventários e arrolamentos frequentemente os coqueiros vêm descritos separadamente, como bens próprios e não como acessórios do solo. É costume consagrado nos nossos meios rurais: basta que o coqueiro, cuja posse não coincida com a do solo, seja assinalado por marcas a fogo, semelhante à do gado bovino.

Inversamente, há um princípio que deve ser coibido. Refiro-me ao que está vigorando relativamente à proteção legal de suínos, cabras e carneiros, generalizadamente designados por



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

miúncas. Miúncas não tem punição. Pode ser destruída toda a criação, todo o rebanho sem que incida sobre o autor do dano qualquer sanção legal. É princípio consagrado pela jurisprudência de alguns prefeitos, delegados de policia e chefes políticos. Naturalmente reminiscência de alguma antiga postura.

As regras referentes à parceria na agricultura e na criação, variáveis segundo o meio e as condições próprias de cada caso, revelam uma admirável plasticidade do direito popular, fugindo a imutabilidade de cânones prefixados.

Não esqueçam isso os que forem fazer o Código Rural.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

PIRANHAS; DIFÍCIL SUA ERRADICAÇÃO

Pedro de Azevedo

A piranha é um peixe de formato mais ou menos arredondado, com o corpo revestido por pequenas escamas diversamente coloridas, que lhe proporcionam colorações típicas, pelas quais é conhecida; daí as denominações de piranha preta, vermelha, branca e amarela.

Além dessas denominações ligadas à coloração, a piranha recebe outras, nas diferentes regiões do país, pois se trata de peixe muito comum nas águas continentais brasileiras. Chamavam-se também “rodoleira”, “chupita”, “cachorra”, “mapará”, e “pirambela”. Na realidade, todas as piranhas estão agrupadas em dois gêneros: *Pygocentrus* e *Serrassalmus*.

As piranhas se assemelham, principalmente, pelo formato do corpo, aos pacus; mas estes, além de alcançarem peso muito maior, apresentam dentição distinta, porque enquanto os pacus são herbáceos, as piranhas são essencialmente carnívoras. Nos pacus, encontramos todos os dentes molares distribuídos em série dupla, no maxilar superior, enquanto nas piranhas há somente uma série de dentes caninos, cortantes como navalhas. O conhecimento da dentição desses dois peixes é muito importante, especialmente para as pessoas que se dedicam a trabalhos de povoamento de rios e lagos, porque ambos, quando jovens, se



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

confundem facilmente, o que propicia enganos de funestas conseqüências. Pode-se, pela ignorância, disseminar involuntariamente uma verdadeira praga em bacias até então livres de tais peixes. Quem conhece bem os hábitos dos peixes pode avaliar perfeitamente as dificuldades, quase insuperáveis, para erradicação de qualquer espécie, depois de instaladas em uma bacia hidrográfica. Nesse particular, cumpre ressaltar os importantes trabalhos de erradicação de piranhas, em diversas bacias nordestinas, desenvolvidos pelo Serviço de Piscicultura dessa região. São trabalhos de tão grande vulto que, preconizados por Von Ihering, desde 1932, só vêm sendo executados nos últimos anos. Sem qualquer intuito de restringir o valor desses trabalhos, devemos considerar que a ausência prolongada de chuvas nessa região, reduzindo consideravelmente o volume das águas dos açudes e dos rios, facilita de certo modo, essa erradicação. Para erradicação da piranha nas bacias nordestinas, o Serviço de Piscicultura emprega o pó de timbó, com um teor de rotenona ao redor de seis por cento, o qual age seletivamente dada a maior suscetibilidade da piranha a esse tóxico. O consumo desse produto para essa erradicação foi tão intenso que se esgotou a reserva do pó em todas as cidades brasileiras. Na operação Jaguaripe, rio barrado pela formação ao açude Orós, várias vezes maior que a bacia do Guanabara, foram percorridos inicialmente mais de dois mil kms do seu leito e dos seus afluentes em menos de dez dias. Foram tratados mais de dois mil e seiscentos poços, 24 açudes e 16 barragens, gastando-se quase vinte toneladas de pó. Com o esgotamento desse pó, lançou-se mão de substitutos



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

com o neocidol, DDT, toxafeno, diasinom, sulfato de cobre puro e comercial. Dentre esses produtos, o que se mostrou mais valioso, seja pela menor toxidez para o homem e para os animais domésticos, seja pelo maior efeito letal para a piranha, com menor dose, menor poder residual e finalmente custo menos elevado, foi o toxafereo, com uma concentração de três partes por milhão.

A superioridade do timbó sobre esse produto é patente; enquanto ele tem ação seletiva para a piranha, quando empregado na dosagem certa, o outro não possui ação letal seletiva, matando indiferentemente qualquer espécie de peixe. Mesmo assim, empregaram-se mais de cinco toneladas de toxafeno para completar o trabalho em realização na bacia do rio Jaguaribe.

Eliminada a piranha nas águas a montante das grandes barragens, estas impedem a subida dessa espécie, ainda existente a jusante; esse trabalho foi facilitado porque a piranha não vence obstáculos com mais de um metro e meio de altura. A erradicação toma-se por isso mais fácil em certos locais.

A divulgação das realizações desse complexo e excelente trabalho deve ser interpretada como uma homenagem à ciência nacional, pois em nenhum país se realizou obra de tal vulto, nesse gênero.

O Estado de São Paulo – Suplemento Agrícola –
13/5/1964.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O PRIMEIRO PROJETO DE LEI NA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Luiz da Câmara Cascudo

A Assembléia Legislativa Provincial realizou sua instalação às dez horas da manhã de 2 de fevereiro de 1835. Na véspera, durante a Missa do Espírito Santo, na Matriz, os dezessete senhores Deputados, prestaram juramento. Tinham eleito o padre Francisco de Brito Guerra, Presidente. As 10,15, chegou com as cerimônias do estilo, o Presidente da Província Basílio Quaresma Torreão, que leu sua “Fala”, como naquele tempo se chamava o “Relatório” dos nossos dias prosaicos.

Saindo Basílio Torreão, os Deputados reelegeram Brito Guerra com dezesseis votos. Se o reverendo sacerdote tivesse votado nele mesmo, era unanimidade absoluta, Vice Presidente, padre João Teotônio de Souza e Silva, primeiro secretário, Joaquim Xavier Garcia de Almeida, segundo secretário, José Nicácio da Silva. Foram constituídas as Comissões e a vida começou...

O primeiro projeto de lei apresentado na Assembléia nortero-grandense, era da lavra do padre Manuel Pinto de Castro, o popular padre Pinto, irmão de Frei Miguelinho. Na terceira sessão, 4 de fevereiro de 1835, o padre Pinto apresentou seu projeto sobre “o esgôto das terras alagadiças e pantanosas compreendi-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

das nos termos desta Cidade, Vilas de Touros, Estremoz, São Gonçalo, São José e Flor”. Foi julgado objeto de deliberação, mandado extrair copia e recebeu o primeiro número.

Projeto nº 1 – A Assembléia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte decreta:

Art. – 1º - Todas as terras alagadiças e pantanosas compreendidas nos termos desta Cidade, Vilas de Touros, Estremoz, São Gonçalo e Flor, serão esgotadas com valas por seus proprietários desde 1º de agosto até o último de dezembro do corrente ano, e nos seguinte... dentro do mesmo período.

2º - As Câmaras Municipais respectivas ficam autorizadas para fazer cumprir o determinado no artigo antecedente, obrigando por meio de Posturas aos Proprietários que se negarem ao cumprimento desta determinação; assim como para lhes... os palmos de altura e largura que devem ter as valas.

3º - As terras, cujos Proprietários sejam os Índios, serão esgotadas pelos mesmos, aos quais o Presidente da Província logo que as competentes Câmaras lhe requererem, mandará suprir do necessário a expensas do rendimento dos seus Patrimônios, que deve existir em cofre.

4º - As Câmaras Municipais dos Termos declarados no artigo 1º, todos os anos logo no começo das primeiras sessões da Assembléia Provincial, lhe darão conta do inteiro cumprimento desta lei, debaixo de sua responsabilidade.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

PAÇO DA ASSEMBLÉIA, 4 DE FEVEREIRO DE 1835

a) Manoel Pinto de Castro

No dia imediato, 5 a primeira discussão passou sem interesse. Ninguém pediu a palavra e o projeto saltou para a “segunda”.

Na segunda discussão, 6 de fevereiro, houve debate acalorado. O Padre João Teotônio de Souza e Silva apresentou uma emenda ao artigo 1º, assim como Garcia de Almeida. Votam o 1º. artigo com a emenda de Souza e Silva. Para o 2º artigo, emendas do padre Manuel José Fernandes e de Elias Antonio Cavalcanti de Albuquerque, rejeitada uma e prejudicada a outra. O 3º artigo aprovado sem emendas, recusada uma de Garcia de Almeida. O 4º, sem alteração.

Na sessão de 7 mandaram o projeto à Comissão de Redação e depois a imprimir-se. Voltou na sessão de 11. O artigo primeiro, que sofrera alterações maiores estava assim redigido:

“Todas as terras alagadiças e pantanosas compreendidas nos termos desta Cidade, Vilas de Touros, Estremoz, São Gonçalo, São José e Flor serão esgotadas por meios de valas, por seus proprietários, ficando autorizadas as Câmaras Municipais respectivas para designarem a extensão de terreno, que cada Proprietário deverá esgotar de 1º de agosto ao último de dezembro do corrente ano, o que se fará com atenção às possibilidades



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
Joaquim Nabuco**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

de cada um , e continuando-se o serviço nos anos seguintes naquele mesmo tempo já marcado, de maneira que finde dentro do período da presente Legislatura.

O Presidente indicou o Projeto de Lei Número Um à terceira discussão. A ata registra: “E tendo falado pró e contra alguns senhores Deputados, foi rejeitado”, 11 de fevereiro de 1835.

O primeiro projeto de lei no Rio Grande do Norte não passou de “projeto”. E era, como estão vendo vossas mercês ilustríssimas, atual e urgente nos nossos dias...

A primeira Lei, sancionada pelo Presidente Torreão, providencia sobre a Impressão tipográfica das Leis, atas da Assembléia, etc.

O projeto vencido ainda está fazendo falta...

A República, 27/12/1942.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

EXPLICAÇÃO

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, com sede no Rio de Janeiro, promoveu um Congresso do Nordeste, de 2 a 12 de dezembro de 1933.

O seu presidente, dr. A. Sabóia Lima, dirigiu ao desembargador Felipe Guerra um ofício, convidando-o a escrever algum trabalho à sua escolha sobre o temário, que constava de doze teses em forma de indagação. A carta é de 14 de outubro de 1933.

Atendendo à solicitação, o desembargador Felipe Guerra escreveu doze respostas, uma para cada pergunta, acompanhadas de uma carta ao dr. Sabóia Lima, de 26 de novembro de 1933, onde o missivista declara: “Não me sendo possível produzir um trabalho digno de ser apresentado, limitei-me a dizer algumas palavras sobre todas as teses ventiladas. São antes meras indicações para discutir”.

Lembro-me bem da satisfação com que elaborou esse trabalho.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO
MS
SEM
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

CARÁTER NACIONAL DAS OBRAS CONTRA AS SECAS

Felipe Guerra

Deverão ter as obras contra as secas caráter nacional permanente? (Tese 1ª).

Sim. Ninguém ignora que as secas têm obrigado a Nação a pesados sacrifícios. As obras contra as secas tendem a estancar esses sacrifícios, são, pois, essas obras, intimamente ligadas aos interesses nacionais. Daí o seu caráter de obras nacionais.

Em 1907 publicávamos: “É de interesse da Federação promover e auxiliar a solução dos problemas das secas. Não é ponto duvidoso a reprodução dessas catástrofes, e suas funestas conseqüências são por demais conhecidas”.

Esses fenômenos climatéricos representam pesado ônus à Nação, pois é impossível aos poderes públicos assistir a tremendas calamidades, dentro de suas fronteiras, sem que suas forças se apliquem a debelá-las. A solução do problema significa, pois, a extinção de um tropeço à vida nacional, de uma fonte de gastos para a União, de um periódico esgotamento de forças, inglória e improdutivamente consumidas. E, por outro lado implica a transformação dessa fonte de sacrifícios, desse tropeço, desse periódico esgotamento, em fonte de recursos e avigoreamento de forças capazes de fortemente concorrerem para a vitalidade da Nação.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Foram essas as nossas palavras há vinte e seis anos.

Sobre o caráter permanente a dar às obras contra as secas, ainda escrevemos em 1907: “Nas crises, a União deixará de sacrificar grandes somas de recursos. A urgência da necessidade a atender, a intensidade dos desastres e dos sofrimentos, as condições difíceis originadas fatalmente pelo flagelo, a desorganização de todos os serviços, tudo isso forma um complexo de circunstâncias que forçosamente impossibilitam métodos e útil aproveitamento dos meios empregados contra a calamidade. É então impossível trabalhar proveitosamente com população faminta... Não é nas crises que se pode oferecer luta aos efeitos da seca. É em épocas normais que se pode aparelhar a zona vitimada com elementos capazes de nulificar os efeitos de flagelo”.

E em 1909, parodiando conhecida frase de Th, Ressevit, a propósito da reorganização da esquadra americana; os paliativos ainda não ganharam uma só batalha – escrevemos: “Os paliativos ainda não evitaram os desastres de uma única seca”.

Natal, Novembro de 1933.

Nota – Em dezembro de 1934, realizou-se no Rio um “Congresso de Nordeste”, promovido pela “Sociedade dos Amigos de Alberto Torres”, de que era presidente o Sr. Sabóia Lima. Convidado, por ofício, a enviar tese para o dito conclave, o des. Felipe Guerra escreveu uma série de notas ou apontamentos sobre cada uma das teses. A primeira tese versava justamente sobre o tema: “Deverão ter as obras contra as secas caráter nacional e permanente?”.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O trabalho que ora se publica, procura responder à pergunta. O autor responde com afirmações favoráveis ao caráter nacional feitas por ele muito antes, a começar de 1907, em artigos de jornais, depois em livros.

O.G



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

FINANCIAMENTO DAS OBRAS CONTRA AS SECAS

Felipe Guerra

O financiamento das obras contra as secas deverá ser feito pelo Governo Federal, apenas, ou também, pelos Estados interessados? Como realizá-lo? (Tese 2^a).

Em 1903, aconselhávamos ao Estado emprestar dinheiro a particular sob as necessárias garantias, para a construção de açudes.

Mais tarde, em 1907, escrevíamos: “nas grandes secas, se os Estados mais sujeitos a essa crise – Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba não forem socorridos pelo Governo Federal, terão a sua população dizimada pela fome. Sobre isso não haja ilusão. Os fatos observados não deixam margem a dúvidas”.

Depois em 1909, ainda escrevíamos: “O papel do Estado, não menos importante, será secundar a ação da União. O papel do município será, principalmente, dar vida e facilidade à ação dos particulares; e a dos particulares será agir dentro de suas forças, também em obras de proteção contra as secas”. Apoiamos, então, projetado empréstimo, contanto que o seu produto fosse realmente auxiliar a açudagem, a irrigação. O empréstimo veio e ainda o seu pagamento pesa duramente sobre as finanças do Estado, mas não se falou em obras, nem auxílios contra as secas.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNG-UN ROSADO

COLEÇÃO

MS
SEM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS

GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em 1918, escrevíamos: “O concurso oficial, a intervenção do poder da União pode, porém, e deve ser aliviado da pequena açudagem e mesmo da média, se cuidar séria e eficazmente da grande açudagem das grandes obras, tão indispensáveis quanto fora da possibilidade dos particulares. Onde, porém, não for possível o grande açude, é indispensável a ação oficial, para multiplicar o número de açudes médios”. Nesse artigo aconselhávamos deixar a pequena açudagem a exclusivo encargo dos particulares, para não desviar quantias das grandes obras. Hoje temos opinião modificada, quanto à pequena açudagem. É uma célula tão vital à economia do Nordeste, que merece todo amparo e auxílio para sua disseminação.

Não resta dúvida que os Estados do Nordeste, os mais diretamente interessados na luta contra as secas, devem concorrer, dentro de suas possibilidades, com suas quotas orçamentárias, em auxílio da união. A questão é haver essa possibilidade. Por enquanto, não poderão eles concorrer com essa contribuição nos anos de seca, quando os seus orçamentos ficam depauperados.

O Rio Grande do Norte, por lei de novembro de 1919, sendo governador o Dr. Ferreira Chaves, colocou a questão em seus devidos termos, estabelecendo uma quota do Estado e o meio de resolver sua aplicação. O artigo Único da lei referida estatui: “De toda a renda ordinária do Estado serão anualmente deduzidos cinco por cento, que se aplicarão ao custeio de serviços contra os efeitos da seca, nos termos do acordo a celebrar com o Governo da União, para esse fim. Essa Lei foi regulamentada pelo decreto nº 106, de 1920 no governo do Dr. Antonio de



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Souza, dando mais a “Caixa das Secas”, que o decreto instituiu, os saldos orçamentários, porventura verificados. Parece que por falta de acordo com a União, a lei não teve efetiva execução.

Pensamos que a citada lei responde bem à tese proposta, devendo, porém ficar mais claro o meio de organizar essa cooperação. Não se pode falar em auxílio dos municípios. Estes, no Nordeste, têm rendas tão exíguas, que mal chegam para pequenos serviços locais.

Natal-Novembro de 1933



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

O MELHOR PROGRAMA

Felipe Guerra

Qual o melhor programa para combater os efeitos das secas, dentro das nossas possibilidades financeiras? (Tese 3ª).

O programa para combater os efeitos das secas acha-se já consubstanciado nas leis e regulamentos da Inspeção Federal de Obras contra as Secas. O Deputado Eloy de Souza, em memorável discurso, na Câmara dos Deputados, muito bem elucidou o problema e traçou diretrizes. A observação prática, os trabalhos já de alguns anos, têm introduzido e provocado necessárias correções e emendas.

Em 1909, escrevíamos: “Qualquer que seja a solução apresentada, por mais complicado e complexo que seja o conjunto de medidas aconselhadas, pensamos que, em última análise, ou em primeira análise, é impossível deixar de aceitar um ponto para base da solução: para debelar a seca, é indispensável o suprimento d’água”.

Açudes, poços, trabalhos de irrigação, quaisquer trabalhos conducentes ao fornecimento d’água são à base dos serviços contra as secas. A instrução e a educação, o ensino, com especialidade o ensino agrícola, o saneamento, estradas, portos, extinção do cangaceirismo, desenvolvimento do crédito agrícola, cooperativismo, são medidas complementares, mas, essenciais ao desenvolvimento da região. Com a irrigação é possível evitar que, nas secas, a população morra de fome. Mas não será possí-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

vel fazer progredir uma população doente, sem portos, sem estradas, inculta, etc. No Rio Grande do Norte, com a perfuração de poços, ainda muito deficiente, já se tem conseguido transformar regiões que não podiam ser cultivadas à falta d'água, em centros de valiosa produção.

Leis e regulamentos não faltam para as obras contra as secas. É questão de aplicação, de critério seguro, sábio, prudente, na execução. A “República Nova” trouxe esse grande bem ao Nordeste: o Ministro José Américo, dirigindo esses serviços. Não é preciso atirar pedras nos passados administradores, nem desconhecer serviços anteriormente prestados pela inspetoria. Os estudos e o conhecimento da região não devem ser esquecidos. Os serviços e trabalhos de irrigação foram poucos, muito poucos, em relação ao que podia e devia ter sido levado a efeito. No Rio Grande do Norte, depois de muito esforço, muito empenho, muito estudo, muita canseira, construía-se um pequeno açude de três, quatro, seis, doze milhões de metros cúbicos de água. Uma meia dúzia. Apenas um de cerca de trinta milhões. O Ministro José Américo não tem consentido que se escoem anos em estudos e vacilações em iniciar um trabalho. A sua ação tem sido eficiente e decisiva. Se, por uma dessas circunstâncias, muitas vezes sem explicação no cenário tão inconstante e incerto da vida política, de Norte a Sul do país, atirassem pedras a esse Ministro, nós do Nordeste seco, nos deveríamos colocar à frente, para aparar as pedradas. Tal a gratidão que lhe devemos por sua atuação na última seca, fazendo, senão o que desejará, em todo o caso o possível para atenuar desgraças, salvando, como de fato



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

salvou da morte, a dezenas de milhares de infelizes brasileiros. E o chefe do Governo Provisório não lhe regateou merecido, necessário e devido apoio.

A execução do programa de obras contra as secas está sujeita a variadas contingências. Nas secas há excesso de operários. Às vezes, nem água fácil há para o trabalho. Nos anos normais, há falta de operários. A estação chuvosa e a estação de estiagem normal oferecem aspectos bem diversos para serviços. A construção de grandes obras de açudagem devia ser iniciada e concluída uma a uma, em cada Estado. Nós chamamos “grande obra” aquela capaz de alterar a vida de extensa região, modificar até a vida do Estado. Essas, são raras. Não sei se o Ceará oferecerá alguma nessas condições, além do Orós, destinado a irrigar todo o vale do Jaguaribe. Da Paraíba não podemos falar, pois desconhecemos. No Rio Grande do Norte, só conhecemos uma, que é o açude “Passagem Funda”, para irrigar terras e vales de Apodi, Caraúbas, Mossoró, e principalmente, é esse o seu maior valimento, fornecer água e irrigação às grandes, vastas e secas chapadas adjacentes.

O Dr. Roderic Crandall, ao estudar e observar o sertão do Rio Grande do Norte, entrou por Pau dos Ferros e por vários municípios, veio até Mossoró, donde seguiu, depois, por Augusto Severo, para o Seridó. Em conversa, em Mossoró, disse-nos jovialmente: “Os senhores fazem bem em disputar essa chapada (Apodi-Mossoró) ao Ceará. Até aqui foi o que de mais valioso vi no Rio Grande do Norte”. O Passagem Funda fornecerá água,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

irrigação abundante a essa valiosa e extensa chapada. É o seu grande alcance.

Parece-nos que sem grande obra, nem mesmo confiança merecerá o suprimento do lençol d'água subterrânea, indispensável aos poços tão reclamados nessas chapadas. E para isso é preciso lembrar a “Lei Felipe” ou “Lei de Reprodução das Águas”. Basta lembrar a “revênciã”, tão conhecida dos sertanejos no Nordeste. A par das grandes obras, os grandes açudes, tais como, no Rio Grande do Norte, Gargalheiras, Itans, tão necessários, este último, à importante cidade de Caicó. A várzea do Açú, vasta e fertilíssima, reclama o seu grande açude em Platô e os necessários serviços para sua irrigação. Não descurar dos açudes médios, facilitar, tanto quanto possível, os auxílios para os pequenos açudes particulares, tão reclamados pelo Nordeste.

O aproveitamento do S. Francisco para a irrigação de vales e terras marginais e também uma “grande obra”.

O sertanejo do Nordeste seco não emprega, nem poderia empregar, a frase atribuída, ao “Jeca” do Sul: “prantando dá”. Emprega simplesmente: “Chuvendo ... dá”. Dê-se-lhe chuva, dê-se irrigação. E os recursos financeiros para a ingente empresa? Estabeleça-se uma espécie de “plano quiquenal” ... a longo prazo, que poderá ser encurtado, à proporção que os recursos aumentarem. Esses crescerão, não haja dúvida. As irrigações desenvolverão a produção. Ainda agora, lemos em discurso do Dr. Mário Câmara: “No município de Baixa Verde, zona de Mato Grande, a produção algodoeira, nula há poucos anos, eleva-se presentemente a um milhão e quinhentos mil quilogramas de



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

algodão em pluma, graças, apenas, à perfuração de poços tubulares, de que o trabalho auferiu tão belos resultados”. Ainda em 1916, em um congresso algodoeiro, o Dr. Eloy de Souza referia-se a essa “famosa região inculta por absoluta falta de mananciais”.

Não temos dúvida de que, francamente, irrigadas pelo açude Passagem Funda, as chapadas adjacentes trariam um aumento na produção de algodão igual, pelo menos, à terça parte do que é hoje produzido em todo o Estado. Os recursos irão crescendo e com eles as contribuições para acelerar o prazo estabelecido. Esses meios, assim em progressão crescente, serão fornecidos pela União, com a possível cooperação dos Estados interessados. A questão é não haver descontinuidade nos trabalhos necessários, Grandes despesas que sempre trazem urgentes socorros a populações famintas, depauperadas, irão desaparecendo.

Se, para evitar despesas, o mal for debelado, a população continuará na miséria, o solo ficará, ora por outra, estéril. Os aspectos social e econômico das secas, já dissemos em 1926, não são diferentes do problema que aflige por toda parte a classe produtora e a classe operária: a falta de trabalho. Durante anos inteiros, havendo seca, o operário não encontra trabalho, ainda mesmo que se ofereça por seu sustento individual. Não só o operário; o patrão não pode trabalhar para produzir.

É esse o melhor programa: evitar que alguns milhões de brasileiros permaneçam sem trabalho durante anos, quando poderiam ser transmutados em poderosos agentes da produção nacional.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É esse o melhor programa que a inspetoria, pelo valor e competência de seus técnicos, dignos representantes das honrosas tradições da engenharia nacional, está preparada a executar.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

VIAS DE COMUNICAÇÃO

Felipe Guerra

O sistema de comunicação e transporte da zona semi-árida atende às suas necessidades econômicas e sociais? Como adaptá-lo a essas finalidades? (Tese 4^a).

Na obscura campanha que, há longos anos, vimos sustentando em favor dos humildes e sofredores sertanejos do Nordeste seco, não seria possível esquecer o problema das vias de comunicação. Em 1891, escrevíamos: “Há, a nosso ver, uma medida tripla que nulifica a ação das secas e enriquece o sertão: a construção de açudes, poços e estradas de ferro. As duas primeiras garantem a vida, a tranquilidade e prosperidade do sertanejo; a última, como complemento, traz a riqueza e o engrandecimento do Estado, pois que dá valor aos produtos e ao solo”. Vale a pena lembrar o estado das vias de comunicações sertanejas ainda no começo do presente século. Em 1903, escrevíamos: “No tocante a estradas, o Estado, o sertão principalmente, acha-se num grau de atraso tal que, tendo em vista, apenas, as vias de comunicações, ainda não pode aspirar à categoria de civilização... As estradas existentes foram veredas abertas de fazenda a fazenda, de povoado a povoado, que o caso dos animais e o constante trânsito tem alargado. Urge que os poderes públicos tomem em consideração tão deplorável situação”. Isso, quando ainda não sonhávamos com o automóvel. Hoje, tudo mudou. Veio o automóvel, obrigando a estradas de rodagem, a estradas carroçáveis.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A União, o Estado, o Município, os Particulares se têm empenhado em desenvolvê-las. Quase todas, no Rio Grande do Norte, obedecem a traçados que atendem a necessidades econômicas. A primeira iniciada foi no governo do Dr. Ferreira Chaves, salvo engano, em 1915, visando aproximar a capital da região do Seridó. Ainda hoje é, talvez, a de tráfego mais intenso. Pena é não ter sido ela incluída no traçado da estrada tronco, mandada construir pela União, ligando os sertões, sendo substituída por um desvio por cima da serra de Santana, de construção cara e de tráfego dificultoso, e por isso mesmo quase nulo.

Há, no Estado, três estradas de ferro. A “Great Western”, ligando Natal a João Pessoa, Recife, Maceió. A Central do Rio Grande do Norte demanda a região do Seridó. Arrastou-se lentamente até a cidade de Lages, com pouco mais de cem quilômetros. Com serviços adiantados por vários quilômetros, foi o seu traçado alterado. Depois de alguns milhares de contos de réis despendidos, é igualmente abandonado o novo traçado. E vultuosas somas foram gastas, sem adiantar um metro de percurso. Em acordo com a empresa da ferrovia, o Governo da União tomou a estrada, mediante grossa indenização. De tal sorte andou a estrada em terrenos sertanejos de grandes facilidades para os trabalhos, que a sua construção não foi de custo inferior à difícilíssima estrada de ferro da região acreana, no extremo Norte. E os serviços ficaram paralisados durante anos. Foi preciso a larga visão e o patriotismo de um José Américo para fazê-la marchar. E lentamente caminha a sua construção, sob as inúmeras dificuldades do momento.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A estrada de Ferro de Mossoró, ligando o seu porto aos sertões do Nordeste é uma das antigas aspirações da região das secas. Iniciada em seu primeiro trecho Porto Franco, município de Areia Branca, a Mossoró, pela férrea e persistente vontade de Vicente Sabóia, e depois mandada continuar pelo Governo Federal, tem passado por vicissitudes várias.

O Dr. Roderic Crandall provou exuberantemente o seu valor, a sua necessidade, a facilidade de sua construção. Afirma que “a chave do desenvolvimento do Sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba” e que “o desenvolvimento desta região é o melhor meio de debelar os efeitos das secas”. Segundo Dr. Pereira da Silva, a Estrada de Ferro de Mossoró alcançaria o rio São Francisco com 700 quilômetros. Poder-se-iam encher laudas de papel, somente em nomear engenheiros dos mais distintos e conhecidos no país, que se têm manifestado pela construção dessa estrada. “Poder-se-ia escrever, diz Ralph Sopper, um volume inteiro sobre a necessidade e o benefício a tirar-se de uma estrada de ferro de Mossoró para o interior”. A inflexão que a costa litorânea apresenta na altura de Areia Branca, aproxima esse porto de tal forma de uma grande faixa dos sertões de vários Estados, que a cidade de Souza, em pleno sertão paraibano, sendo alcançada por essa estrada de Mossoró, ficaria um centro ligado ao porto de Cabedelo por 466 quilômetros, ao Porto de Fortaleza por 575, e a Porto Franco, apenas por 280 quilômetros.

Em 1927 escrevíamos: “No governo do vice-presidente Delfim Moreira foi iniciado o seguimento da estrada, no trecho entre Mossoró e S. Sebastião. Muito adiantados os serviços, sob



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

muito honesta e criteriosa administração, veio o período das “grandes obras” contra as secas; e quando todos nós exultávamos pelo andamento dessa obra, tão essencial ao Nordeste, pois interessa a região de outros Estados, veio ordem de paralisação dos serviços, que se ficaram deteriorando” ... As tais grandes obras contra as secas não foram muito favoráveis ao Rio Grande do Norte, talvez o Estado mais acossado pelas secas. Em matéria de irrigação, não deixaram em represa um litro d’água sequer. Em matéria de estrada de ferro, paralisaram trabalhos. No Ceará, foram por elas projetadas 465 quilômetros de estrada de ferro; Paraíba 486. Para o Rio Grande do Norte, zero. O relatório da comissão que andou examinando esses trabalhos, assinado por Morais Barros, Simões Lopes e Rondon, informa: “No Rio Grande do Norte não foi construído quilômetro algum de estradas de ferro. É, entretanto, digno de estudos o prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró, com um trecho de leito de cerca de 40 quilômetros, já construído e abandonado em direção ao centro do sertão produtor de algodão, entre a chapada de Apodi, a serra do Martins e as ramificações da Borborema, com trajeto mais direto ao mar, pelo porto de Areia Branca. Essa estrada de ferro, prolongada além da Borborema, tornar-se-á penetração para o interior do país, transportando a Pernambuco e mesmo a Minas Gerais o sal das ricas salinas de Mossoró e conduzindo, de retorno, açúcar, farinha e algodão”.

Interessante é que já se tenha lembrado fazer o porto de Natal embarcadouro do sal de Macau e Mossoró. O sal, mercadoria de grande volume, grande peso e custo baixo, não tolera



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que se lhe aumente o transporte. Aquelas salinas um pouco afastadas de portos de embarques, onde pequenas embarcações possam receber a mercadoria para levar aos navios, não são por esse motivo convenientemente exploradas; ficam ao abandono. Como, então, fazer escoadouro do produto das salinas um porto à distância de cerca de trezentos quilômetros? Seria a morte da Indústria. E por isso é da mais urgente necessidade o beneficiamento do porto de Mossoró, não só para incremento da grande Indústria do sal como, também, para complemento da Estrada de Ferro de Mossoró.

O comandante Herculino Cascardo, quando interventor, muito se interessou por essa estrada, que recebeu grande incremento na última seca, graças ao patriotismo e a benemerência do Ministro José Américo que em seu andamento deu serviços a milhares de flagelados.

Para que o sistema de comunicações e transportes atenda às necessidades econômicas e sociais e seja adaptada a essa finalidade, é preciso e basta atender ao interesse da população a beneficiar, facilitando transporte, diminuindo fretes, atendendo aos menores percursos, sem preocupações outras.

Novembro de 1933



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

NORDESTE E FLORESTAMENTO

Felipe Guerra

É possível o florestamento das regiões semi-áridas? Como executá-lo? (Tese 5^a)

Bem avisada é a tese indagando sobre a possibilidade do florestamento das regiões semi-áridas e não de reflorestamento. No Nordeste das secas nunca houve florestas. A natureza do solo a isso se opõe. Ao longo das margens dos rios houve desenvolvida vegetação de árvores florestais. Essas tiveram que ceder lugar à cultura do solo.

Essas derrubadas, porém, nenhuma influência tiveram sobre o aparecimento ou ausência das secas. São fatos atestados pelas crônicas. E ainda hoje são registrados anos de secas e anos de inundações. O bispo de Olinda D. Matias de Figueiredo Melo, que regeu a diocese de 1688 a 1694 viu em um ano de seu episcopado uma grande fome na população. Teve de mandar buscar farinha, em barcos, no rio São Francisco, chegando a sua caridade e amor ao próximo a ponto de vender as cadeiras de seu uso para comprar farinha, a fim de suavizar os flagelos da pobreza.

Em 1744, narra um cronista, “morreram os gados a acabar, e a fome no povo foi considerável de sorte que meninos que já andavam tornavam ao estado de engatinhar”...

A seca mais calamitosa e mais duradoura de que há notícia foi a de 1723-1727.



Banco do Nordeste



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO FUNGT-JUN ROSADO

COLEÇÃO MS MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O senador Pompeu informa em suas “memórias”: “No vale do Cariri, o terreno, aliás, mais fértil e abundante d’água no Ceará, é onde se conserva a maior tradição dessa seca (1723-1727) que em 1725 fez secar todos os brejos e correntes, obrigando os habitantes de Missão Velha a mudarem-se por falta d’água”. É preciso notar que esse fato ocorrido há mais de duzentos anos, não teve reprodução até os presentes dias. A seca de 1791-1793 ficou na tradição com o nome “seca grande”. Matou um terço da população do Nordeste.

Por outro lado, em 1819, em 1842, houve formidáveis inundações. Em 1875, quase todas as povoações sertanejas situadas às margens dos rios sofreram enormes prejuízos por inundações. Em 1894 grandes inundações. Em 1899 o inverno principiou no ano anterior e prolongou-se copioso até setembro, dando lugar a três colheitas de cereais e legumes. Em 1917, grandes inundações. É pelo exame desses fatos que só aceitamos a grande influência das matas na precipitação chuvosa da região porque “lemos nos livros”. O que é certo é que, no Nordeste brasileiro, os fatos não amparam a lição dos mestres a respeito. Não há matas porque não chove. Essa falta de chuvas vem de séculos, não permitindo à natureza o preparo do solo para o desenvolvimento de florestas.

Em 1903 publicamos:... “não falem em arborização antes do desenvolvimento da açudagem. Arborizar como? Escolhemos os melhores e mais frescos terrenos para a agricultura; plantamos árvores frutíferas; vem a seca, e acaba-as. Como arborizar sem a açudagem? Fazemos sementeiras nos melhores e mais



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

frescos terrenos de qualquer planta anual – feijão, milho, mandioca, vem a seca e tudo acaba. Arborizar como, se muitas vezes nem ervas nascem nos campos?”

Em 1909 ainda publicamos: “só também sob a proteção de grandes açudes poderão ser tentadas medidas complementares contra as secas, entre as quais se aponta a arborização. Os que aconselham a arborização do solo sertanejo mesmo antes da grande açudagem, nunca viajaram nos campos e nas matas sertanejas depois de uma seca, ao começar um inverno. Por ente o novo ramo que brota, por entre a copa do arvoredado que reverdece, contrasta o tronco ressequido, o galho mirrado, sem vida, atestando um sem número de vitimas do flagelo, que acaba de passar. Essas árvores mortas são árvores ali naturalmente nascidas, sob todas as condições de resistência e de adaptação em longos anos alcançada”.

- Sem açudagem, impossível é tentar arborização regular.
Hoje, não temos motivos para mudar de parecer.

Natal, novembro de 1933



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNGT-JUN ROSADO

COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE



GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

NORDESTE E FORRAGEM

Felipe Guerra

Como resolver o problema da forragem nas regiões semi-áridas? (Tese 6^a).

Em 1915, ano de seca, que tantos males causou ao Nordeste, a cidade de Mossoró foi, como vinha sucedendo em todas as secas, invadida por alguns milhares de retirantes, de “flagelados”, como se diz hoje. Os municípios secos do Estado forneceram seus contingentes. Municípios paraibanos concorreram com a metade das infelizes vítimas do flagelo. De Catolé do Rocha foram registrados mais de seiscentos. Os municípios do Seridó não se fizeram representar por flagelados. Foi uma quadra angustiosa. Os serviços federais para socorro aos flagelados da seca de 1915 tiveram, em Mossoró, início em Fevereiro de 1916. Em principio de Maio havíamos telegrafado às autoridades denunciando a seca. Em fins de Novembro de 1915, o Governo Federal enviou à comissão particular vinte contos de réis para serviços aos flagelados. Salvo engano, vieram depois mais cinco contos, já em 1916, que a comissão empregou em pequenos auxílios a aqueles flagelados que às primeiras chuvas queriam voltar a seus lares. Foi de angústias para Mossoró essas secas de 1915, assim, pode-se dizer, ao desamparo do Poder Público, pouco cuidadoso em atender aos apelos constantes, diários, que lhe eram dirigidos. Mossoró, por tantas as suas classes de representação, tornou-se importuno e insistente pedinte. Os



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

despachos enviados significavam bem o S.O.S dos navios que se afundam. Os auxílios particulares foram superiores aos auxílios públicos. Não houve emigração. Não eram concedidas passagens.

Em apelo que fizemos a eminentes representantes da Paraíba, no Senado, tivemos respostas: “Deu-se ordem especial Lei de passagens”. Nem auxílio solicitado, nem passagens vieram.

Fundou-se uma sociedade, “Defesa do Nordeste”. Fomos encarregados de apresentar os estatutos. Em seu art. 2º declararam-se os fins e objetivos: I – Promover obras, serviços e ensinamentos tendentes a extinguir ou atenuar os desastrosos efeitos das secas. II – Erguer constante e tenaz propaganda de medidas direta ou indiretamente conducentes a seus fins. O seu art. 3º traz os objetivos pelos quais se interessará a sociedade. Ente esses está disposto no nº V: serviços de conservação de matas, pastagens, florestação, arborização, cactos e outras forragens. Tivemos a honra de ser eleito presidente da sociedade. Fizemos o que nos foi possível, nesse ano. Depois, finda a seca, feneceu a sociedade. Foram vãos os esforços para incutir-lhe vitalidade. Não é, portanto, alheio a nossas cogitações assunto desta 6ª tese. Em 1903, tratando da semente do algodão, muito empregado como forragem, faríamos referências a outras: “macambira, excelente; carnaúba, xiquexique”. E, em 1908, examinávamos o fato de, em anos de chuvas irregulares e falhas, haver total prejuízo em grandes e pequenas plantações de milho, já nas proximidades da colheita, pela suspensão das chuvas. Aconselhávamos, então, o aproveitamento dessa lavoura como forragem. E



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

foi isso que deu lugar a Dr. Roderic Crandall em sua obra sobre o Nordeste escrever, em nota de suas “recomendações”: “A necessidade e o uso e vantagens desta máquina são explicadas pelo Dr. Felipe Guerra, em sua citada obra – “Secas contra a Seca”, pág. 243. Concluamos: “Ataquemos a secas pela base: irriguemos o solo; mas, enquanto não é conseguido esse resultado, lancemos mão de todas as medidas auxiliares e complementares ao desenvolvimento do depauperado organismo do Estado”.

Em 1909 escrevíamos: “Armazenar forragens é medida de grandes vantagens, felizmente já principia a ser executada com muito proveito. Na Europa, essa providência de armazenar forragens é indispensável e fácil, pois as estações são certas, regulares e curtas. Entre nós, o que predomina é a incerteza. Entretanto, com o açude, máximo com o grande açude, o mal será removido. Esgotou-se a provisão armazenada? Aí está o açude; ai está um poder produtor, pela irrigação e pelo aproveitamento dos resíduos da lavoura, a produção será constante”. “No sertão seco não há num mesmo ano renovação, nem aumento de pastagens; se esta for colhida no fim do inverno, em julho, só vira outra em fevereiro no ano seguinte, havendo inverno. No caso de seca, será preciso esperar mais doze meses. Sob a proteção, porém, de açude capaz de irrigação, as pastagens reproduzir-se-ão continuamente. Serão utilizadas à proporção das necessidades, auxiliadas eficazmente pela própria exploração agrícola”. Não havendo açude, a forragem só pode ser colhida nos campos. Então, essa medida assim generalizada em um município de vinte mil rezes significaria denudar os campos, estabelecendo,



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

assim, logo a crise de pastagem, para prevenir futura e incerta crise. No Rio Grande do Norte há uma lei vigorando há mais de doze anos, desde o governo do Dr. Antonio de Souza, dando prêmio monetário ao criador por fardo de forragem que preparar. Essa lei tem sido executada com relativas vantagens.

Do que temos exposto, vê-se que ligamos o problema da forragem à açudagem. O açude fornece forragem verde e abundante, de acordo com sua capacidade e aproveitamento. Há, entretanto, outros meios poderosos que devem ser praticados. Entre esses está a cultura de plantas forrageiras, capazes de resistir a longas estiadas, como, por exemplo, várias espécies de cactos nativos e a palma “Cacto Purbanks”, hoje muito Preconizada e da qual já se fazem culturas. Há, na região das secas, uma espécie dessa palma, de pequeno porte, conhecida pelo nome de “palmatória”. Não se presta à alimentação do gado, e nas secas perde, talvez, 80% do seu peso e volume. A palma “Burbanks” também perde nas secas grande parte do seu peso e volume. Há o xiquexique, o cardeiro, nativos, que grandes auxílios prestam ao criador sertanejo, sendo de notar uma interessante particularidade: só se prestam à alimentação dos gados em plena estiagem. No inverno, mesmo com qualquer chuva, não mais servem como forragem. É, então, o seu uso nocivo ao gado, que também o não aceita. Há a “macambira”, da família bromeliácea, que vegeta em terrenos estéreis, ou antes, completamente secos. É de muito poder alimentício para o gado, a sua parte central da qual em larga escala se socorre a população flagelada para sua amarga alimentação. São plantas que devem ser cultivadas para acu-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MS
SEM
MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

dir a necessidades nas crises. Qual a melhor? Qual a que tem maiores princípios alimentícios? Qual a mais resistente, mais adaptável? Tudo isso são coisas absolutamente não estudadas. Nada se conhece a respeito, nem mesmo sobre os meio de cultivá-los. Muito útil seria a intervenção do Ministério da Agricultura no estudo, observação, análise e cultivo dessas espécies forrageiras. A respeito, ainda se anda às cegas. O mesmo em relação a várias espécies de árvores que fornecem “ramas” para alimentação dos gados.

De muita vantagem seria a ensilhagem de forragens verdes. Muitas vezes poderia prestar inestimáveis serviços. O sertanejo vive desejoso de melhorar, aceita e pratica tudo o que conhece ser-lhe útil. Mas é preciso pelo menos, que se lhe ensine, que se lhe faça ver as vantagens oferecidas pela inovação. Há mais de vinte anos clamávamos: “Exigir que esse povo metodize seu labor, acautele-se com indispensáveis meios contra os efeitos de futuras, embora certas, calamidades seria exigir o impossível... Aqueles meios de luta contra as secas que lhe chegam ao conhecimento, pode-se dizer que por mera intuição, e que se acham dentro de suas forças, ele os tem realizado”.

Em 1910, o ilustre engenheiro R. Pereira da Silva, que chefiou a 2ª Seção da Inspetoria, no Rio Grande do Norte, escrevia em seu relatório: “Tendo feito o inventário do trabalho do Governo do território destes dois Estados, era natural que procurasse igualmente verificar, mesmo por alto, o que, por sua parte, tem feito a população. Este balanço, muito deficiente, acusa já um trabalho formidável, se o compararmos com a obra oficial no



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mesmo período, e levarmos em conta a exigüidade do número de habitantes, diante de enorme extensão a beneficiar, e a completa falta de recursos, de instrução e de aparelhamento com que sempre lutaram”. Entre os vegetais para forragem nas secas, os cactos e a macambira merecem preferência às árvores capazes de ramas forrageiras. O vaqueiro poda completamente uma árvore para dar ração ao gado. Acodem algumas rezes. Ao cabo de algumas horas de repasto, umas rezes investindo contra as outras, em recíprocos maltrato, cada uma tem ingerido, de folha, um ou dois quilogramas de ração. É muito pouco. Isso acontece muito com o juazeiro, de folhagem leve e pouco volumosa. Essa bela e resistente árvore dos sertões secos não tem para forragem o valor que se lhe quer dar. Até o seu manejo é dificultado pelos espinhos. Muito superior é o tamarineiro. Resistente, não perde a folhagem nas secas. Ao frutificar, deixa cair as vagens, avidamente procuradas pelas rezes, e com essa alimentação conservam-se sadias e nédias. É menos rústica do que o juazeiro, mas nas várzeas principalmente, e em terrenos arenosos, medra admiravelmente. O seu plantio deve ser incentivado.

É preciso não esquecer que, ainda hoje, a forragem mais empregada pelo sertanejo para “trato” de seus gados, aquela que é depositária de sua inteira confiança para a salvação do rebanho, ameaçado de extinção na seca, é o “caroço do algodão”. É tal a sua confiança, que está convencido de que, dispondo com abundância dessa forragem, não terá prejuízo na seca. Já vai entrando em uso o resíduo do caroço de algodão, depois de extraído o óleo, nas fábricas. Talvez seja mais sadio para o gado



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

do que o caroço. É ainda pouco usada essa “torta” por seu preço mais elevado, e que reclama maior volume para cada ração”.

Do que temos exposto, concluímos que para resolver o problema da forragem na região das secas é necessário: a construção de açudes e obras de irrigação; o incentivo da cultura do algodão; o plantio e cultura de plantas forrageiras, resistentes à seca, principalmente de cactos, cardos; o plantio principalmente a cargo do Serviço de Florestamento, de árvores resistentes às secas, e capazes de ramas para a alimentação dos rebanhos; a construção de silos para armazenar forragens verdes; a fenação de pastagens. Mas, para essa agricultura de forragens para as secas é necessária a intervenção dos técnicos, intervenção prática, principalmente vindo os técnicos observar, agir, ensinar, e também aprender muita coisa a respeito, com os sertanejos. Organizar, metodizar, aperfeiçoar tudo o que a empírica ciência dos sertanejos lhes possa indicar, ensinar.

Nota final: quase a totalidade desses trabalhos para forragens, no Nordeste, poderá ser dispensada, se a região for convenientemente protegida pela açudagem grande, média, pequena.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

NORDESTE E IRRIGAÇÃO

Felipe Guerra

Qual o melhor sistema econômico para distribuição da água de irrigação? Por unidade regada? Por volume distribuído? (Tese 7^a).

Muito difícil é responder a essa tese. Deve ser discutida por técnicos. Nós, como não técnicos que somos, não temos a pretensão de discutir qualquer das teses apresentadas. Como simples “curioso” nos limitamos a externar observações. E isso fazemos singelamente, despretensiosamente, com franqueza e sinceridade, algumas vezes chocantes a opiniões que devem ser acatadas. Nunca vimos distribuição de águas para irrigação sob medidores. Um terreno de muita permeabilidade exige muito mais água para sua irrigação do que a mesma área de um solo pouco permeável. A natureza do solo muito influi na irrigação reclamada.

Por sua vez, a espécie de lavoura a irrigar estabelece condições bem diversas de exigências de irrigação. Umás exigem constante irrigação. Outras pedem regas mais ou menos espaçadas. Pode-se dizer que cada lavoura tem suas necessidades d’água diferentes. O arroz, a cana, a batata, o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, a bananeira, árvores frutíferas, etc., não têm iguais exigências de irrigação. E a quantidade do líquido fornecido só deverá ser avaliada ao entrar na área a beneficiar. Cem metros cúbicos registrados ao sair do açude não são rece-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

bidos em igual quantidade pelas áreas a metros ou a dez quilômetros de distância. A questão já está bastante estudada e praticada em vários países. Depende, apenas, de adaptação ao Nordeste, onde o método a adaptar poderá variar em sua aplicação a cada caso particular.

A competência técnica e a observação local, poderão responder à tese.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FINGST-JUN ROSADO

COLEÇÃO

MS
SEM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

NORDESTE E COOPERATIVISMO

Felipe Guerra

É adaptável nas condições atuais do meio sertanejo a fundação de cooperativas de irrigação e consórcios de irrigação? (Tese 8ª).

Nesse particular, o espírito do sertanejo ainda está muito atrasado. Ainda não se habituou a lançar mão dessa grande arma, que é a ação de forças conjugadas para vencer dificuldades. É pouco confiante nesse grande poder. Aliás, essa falha na educação pode ser apontada como predominante na população brasileira, máxima na população rural. Em 1905, procurávamos desenvolver esse espírito de cooperação, em matéria de açudagem. Chegamos a publicar um folheto, louvando e analisando a iniciativa de dois prestantes cidadãos de um pequeno município sertanejo, Caraúbas, que se propunham à construção de um açude sob bases de cooperação. Escrevemos, então: "... Esses dois cidadãos, conceituados comerciantes, tratam com o louvável fim de desenvolver no sertão o espírito de associação, essa poderosa alavanca capaz de realizar milagres, de fundar e organizar uma sociedade para levantar o pequeno capital necessário à realização da projetada obra". Depois de analisar e salientar as vantagens do projeto açude, suas facilidades, seu valor econômico, fomos levados ao problema educacional, um das causas dos sofrimentos. Escrevemos, então – "Causar-nos-ia espanto e assombro o fato de vermos, ainda agora, uma população faminta,



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

arremessada fora de seus lares, para sofrer de imensas dores, por um fenômeno certo, que tem sua história prenhe de desventuras, e que desde séculos embaraça o seu desenvolvimento, quando remédio tão eficaz quanto possível existe para arrefecer e anular a força destruidora da calamidade; ficaríamos admirados disso, se não conhecêssemos a causa primordial dessa falta de providência e de providência: a falta de suficiente cultura espiritual, a ausência de instrução”. Depois de tratar do problema do ensino e educação, concluíamos: “Educação e instruído, o sertanejo saberá colocar-se ao abrigo das secas; saberá preparar o solo para lutar contra a calamidade; terá consciência do seu valor, saberá associar-se para debelar o mal; desterrará seus preconceitos; conhecerá que essa entidade “governo” só é um “animal daninho e voraz”, porque esse mesmo povo, que é o seu fator, o seu gerador, o seu sustentáculo, não se preocupa em corrigi-lo, em formá-lo, em ampará-lo, conforme suas necessidades, seus interesses e destinos. E compreenderá que o “governo” é ele próprio, e não um ser estranho, que deva ser odiado, e do qual só poderá exigir o possível, desculpando-lhe as fraquezas, como suas próprias. Verá que essa entidade não é uma espécie de Divina Providência, para a qual dava sempre apelar de mãos postas em suas aflições, e sim uma criatura desse mesmo povo, para representar seu interesse, e cuja intervenção e auxílio poderá reclamar em voz forte de quem, armado do seu direito, exige do mandatário a execução de promessas e compromissos contraídos”... “Eduquemos e instruímos o povo. A observação dos fatos, a inteligência, aplicação dos meios e dos recursos necessários apa-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

recerão, então, claramente a seus olhos, e a coragem e energia sertaneja, longe de se esterilizarem a lutar contra a devastação de cada seca, se aplicarão em disciplinado e metódico esforço para anular, de vez, todas as conseqüências e todos os estragos que esse flagelo periodicamente atira, sem piedade sobre a nossa terra”.

Esse açude ainda não foi construído. Não conhecemos serviços de irrigação ou de açudes feitos por cooperação. Sabemos apenas de um, antigamente construído. Temos a escritura em nosso poder. Data de 1860 e assim “reza”: “Aos dois dias do mês de dezembro de 1860, nesta vila de Campo Grande, termo da cidade de Açú, em casa de residência do Dr. Luiz Gonzaga de Brito Guerra, onde achavam reunidos os abaixo assinados... etc. Por todos os 17 supramencionados senhores foi dito que eles, no intuito de fabricarem dentro de sua meia légua de terra um açude de maior importância, que lhes proporcionasse alguns recursos em ano escasso e melhores vantagens em abundantes... etc, etc. Esse açude foi assim construído; prestou relevantes serviços. Anos depois se deteriorou por uma grande cheia.”

Em vista do exposto, parece-nos que se ainda não é adaptável, nas condições atuais do meio sertanejo, a fundação de cooperativas de irrigação e consórcios de irrigação, já é tempo de tentar adaptações.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

GRANDES AÇUDES

Felipe Guerra

A construção de grandes açudes é o meio mais indicado para resolver o problema das secas? (Tese 9^a).

Sim, em termos.

A questão de grandes açudes não devia existir. Parece que foi criada por aqueles que têm amor à discussão. A tese a que respondemos não levanta propriamente a questão dos grandes açudes. Aceita-os, indaga se são os mais indicados para a solução do problema das secas. Respondemos que são necessários, essenciais para resolver o problema das secas. Mas a construção das grandes obras não dispensa a construção dos médios açudes, e a disseminação de poços. Está claro que aquela região alcançada, protegida pela ação e pela potência irrigadora do grande açude dispensa a construção de outros, médios e pequenos. Nessa última hipótese, a questão ficará adstrita a dados econômicos. Será nesse caso de examinar se é mais barato, se consulta melhor a interesses econômicos o aproveitar a irrigação do grande açude, ou a construção de um açude médio, de um pequeno açude. Isso, aliás, é o que sucede com qualquer produto que tem a seu alcance um grande centro de beneficiamento de produtos. Convém mais a seus interesses levar seus produtos àquele grande centro, ou estabelecer a sua pequena indústria de beneficiamento?



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O Nordeste é uma extensa região vítima de calamidade que ora por outra estanca sua vida econômica, mata dezenas de milhares de seus habitantes, é abandonado forçadamente por igual número, e tem o seu desenvolvimento penosa e esforçadamente alcançado, não só destruído como recuado de alguns anos. A causa de todas essas desgraças é a falta d'água que convenientemente e oportunamente não foi detida para ser aproveitada, quando necessária, consentindo-se, com a mais condenável imprevidência, que essa água deslizesse por seus rios até o mar.

Sendo assim, como é porque vacilar sobre a imperiosa necessidade de construir grandes reservatórios para deter essas águas?

Em 1926 publicamos: “Parece-nos ocioso indagar se, para a luta contra as secas, o Nordeste necessita da grande ou da pequena açudagem. Nas secas, são as águas regularizadas segundo as reservas disponíveis; quanto maior for a sua quantidade, maiores serão os meios e possibilidades para debelar o mal. No período da calamidade, toda água é riqueza. Discutir se o Nordeste precisa de grandes ou de pequenos açudes equivale a discutir se o Brasil precisa de estradas de ferro de grande ou de pequeno percurso. Precisa de todas, nenhuma será inútil, sendo, porém, certo que aquelas mais vantajosas à economia pública e ao desenvolvimento do país, não devem ser sacrificados por aquelas que não oferecerem iguais vantagens. Se um grande obra de irrigação não oferecer todas as vantagens que a justifiquem, não deve ser tentada, porquanto, embora não deixe de trazer utilidades, irá desviar recursos que poderiam ser destinados a trabalhos



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

outros, mais vantajosos”. E logo adiante escrevemos: “Não se indague o Nordeste se há necessidade de grandes ou de pequenas obras de irrigação. Equivaleria a perguntar a um necessitado se quer muito ou pouco dinheiro, se deseja notas de mil réis ou de quinhentos mil réis. Grande obra, como Orós, no Ceará, para irrigar a várzea do Jaguaribe, como Passagem Funda, no Rio Grande do Norte, para irrigar várzeas e vales do Mossoró, Apodi e Caraúbas, e chapadas adjacentes, seriam plenamente justificadas, são indispensáveis”. Em 1909 escrevíamos: “Urge debelar o mal; o mal é a seca; seca e falta d’água. É preciso, pois, organizar o cumprimento d’água e para esse fim o meio mais elementar, mais simples, mais intuitivo e ao mesmo tempo mais eficaz é a construção de reservatórios d’água, capazes de resistência às secas”.

A açudagem pequena e média é da máxima importância para o desenvolvimento da região das secas; é impossível desconhecer e negar-lhe vantagens. Quanto mais desenvolvida, quanto maior o número de açudes, maiores serão os proveitos. É questão resolvida por conhecimentos intuitivos sobre número e quantidade: se uma unidade produz dez, duas produzirão duas vezes mais, três produzirão três vezes mais, cem produzirão cem vezes mais, mil... É também evidente, não admite discussão, que o valor produtor do açude depende dos terrenos irrigados de que dispuser, aptos para a cultura. E é claro, ainda, que o poder de irrigação de um açude depende do volume d’água. Se a água do açude é, nas secas, o único material indispensável para produzir, claro é que quanto maior porção desse material, maior



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

será a capacidade produtora. Não haja receio da grande açudagem: é a medida mais eficaz e única, mesmo, para debelar as grandes crises. Os pequenos açudes esgotar-se-ão ao primeiro assalto; é preciso que os grandes açudes abasteçam os campos com a indispensável irrigação. Querer debelar as secas, seus perniciosos efeitos, sem o recurso da grande açudagem, é pôr-se ao abrigo das pequenas crises, ficando a descoberto nas grandes, nas mais calamitosas. É, portanto, uma medida que se já oferece grande alcance, ainda é manca, acanhada e não resolve o problema. "... aos primeiros embates das secas, os pequenos açudes cedem; ao segundo e ao terceiro ano, quando a crise é indescritível e angustiada, quando a vida sertaneja apresenta um verdadeiro beco sem saída e acham-se os recursos da indústria pastoreil, os meios de transportes (isso foi escrito há vinte e quatro anos) e as minguadas fontes de produção na exclusiva dependência dos açudes, estes, se não forem de grandes proporções, nada poderão dar, inúteis, então, e exaustos. Para as grandes crises só e exclusivamente os grandes açudes poderão oferecer eficazes recursos".

E essas grandes obras não trarão grandes despesas à União? São justificadas essas despesas?

Primeiramente podemos responder que nenhuma grande obra de melhoramento material se faz com pequenas despesas. O problema das secas, qualquer que seja a solução a adaptar, reclama e já tem custado grandes despesas. E os grandes açudes não têm o seu custo mais elevado do que os pequenos e médios, em relação à unidade de metro cúbico represado, e a área de



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

EM



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

terra a irrigar. Pedimos licença para reproduzir um trecho de uma série de artigos que publicamos em 1909 e que foi transcrito-nos “a pedidos” do “jornal do Comércio” no Rio.

“Há uma objeção séria que é sempre lançada a nós, no Norte seco, quando reclamamos poderosos auxílios para debelar as secas: O Brasil, objetam, possui imensas regiões férteis, livres de seca, que precisam também ser desenvolvidas; não é, pois, admissível desviar dessas regiões recursos para conquistar a produção nacional de regiões esterilizadas pelas secas – Esse argumento, porém, longe de fazer mal à campanha erguida a favor da necessidade de debelar as secas, serve para fortalecê-la, e dar-lhe poderosas razões de ser. Em primeiro lugar, é falso, e todos o sabem, que essa região sujeita a secas seja estéril; é das mais pujantes de todo o território pátrio. As estatísticas, quer da sua produção, quer da sua população, conhecidas por todos os que se preocupam com o assunto, exuberantemente o provam. Em segundo lugar, a urgente e também inadiável necessidade de desenvolver as imensas regiões brasileiras não sujeitas a secas, principalmente do extremo Norte e do grande planalto central brasileiro, reclama, como medida inicial, a extinção dos perniciosos efeitos das calamidades que afetam as regiões secas. É pouco sensato esperar que populações européias, criadas e educadas em centros populosos, em cidades gozando de relativo conforto de uma civilização adiantada, decidam-se a internar-se nos grandes sertões incultos, sob clima completamente diverso, a fim de domar uma natureza selvagem, hostil, segregada, ainda, da civilização. Por mais miserável que seja a condição da vida



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO
MS
SEM

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

do homem da cidade, só excepcionalmente decide-se, em diminuta percentagem, a abandonar essa vida em troca de um aventureiro viver sertanejo, cheio de lutas e de perigos, aumentados por fantasias de imaginação. Ferri assinalou como uma das grandes dificuldades e um dos maiores empecilhos da imigração italiana para o Brasil, esse isolamento em sertões incultos a que seriam obrigados os colonos.

“... Só a população sertaneja brasileira, será a batidora da civilização das grandes regiões incultas do Brasil. E dessa população, a da frente será a do norte seco. As provas são conhecidas de todos. Os sertanejos de S. Paulo, de Minas, da Bahia, de Alagoas, etc. não irão povoar o grande sertão brasileiro do Norte. Os sertanejos do Norte seco irão. Já estão nessa ingente tarefa os Cearenses, os Rio Grandenses do Norte, os Paraibanos. É preciso zelar essa população; é urgente evitar que ora por outra seja ceifada pelas secas, ingloriamente, estupidamente, barbaramente, às dezenas e às centenas de milhares”. E logo adiante escrevemos: “É o Nordeste um viveiro de população que forçosamente extravasará sempre”.

Essa série de artigos mereceu honrosos parabéns, que nos foram enviados pelo malogrado homem de ciência, que foi o Dr. Orville A. Derby. Esse mesmo ilustre cientista, então chefe do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, acusando, em 1910, o recebimento da modesta publicação que lhe enviáramos, escreveu-nos: “Acuso recebido o seu trabalho “Secas contra a Seca” que agradeço penhorado. Até agora nada tenho lido que dê uma idéia tão viva e tão evidentemente exata do modo de



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

viver, pensar e sofrer dos sertões secos; e quanto aos meios de melhorar as condições de vida nestas paragens, nada que, ao meu ver, seja mais acertado do que a sua campanha a favor da açudagem e da irrigação”. Se, pela primeira vez fazemos referência a esse honroso documento, não é com o fim de tardio reclame a modesto trabalho. É somente para patentear que a campanha, que há quase meio século encetamos em defesa de abandonados e heróicos brasileiros, era, a par da indiferença geral a nossos apelos, encorajada por espíritos de valor.

No jornal do Comércio, do Rio, a 20 de Dezembro de 1919, publicamos um artigo no qual, sob o título “Grandes Açudes”, examinamos a questão sob vários detalhes, então discutidos. Deixamos de transcrever aqui alguns de seus trechos para não alongar este ligeiro trabalho.

E continuamos com o nosso antigo modo de ver, reclamando os grandes açudes para o Nordeste seco, a par dos pequenos e médios açudes.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO

Felipe Guerra

O aproveitamento do rio São Francisco e seus afluentes pelo transporte de suas águas através das regiões semi-áridas é aconselhável, nas condições atuais do Nordeste, para solução do problema das secas? (Tese 10^a).

Absolutamente não. Trabalhos e obras necessários para a utilização do rio São Francisco, tais como barragens, canais de irrigação, comportas, etc., são reclamados para aproveitamento dos vales e de seus terrenos marginais. Trarão essas obras grande desenvolvimento aos Estados banhados pelo rio, e significativo aumento à produção nacional, principalmente a algodoeira. E é por isso que, no momento atual, erguem-se vozes autorizadas, em Pernambuco principalmente, reclamando aqueles trabalhos de irrigação e levantamento econômico. Se, depois de largas discussões, demorados estudos e vultuosas despesas, o São Francisco viesse, com suas águas, alimentar alguns rios do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, seriam indispensáveis nesses os mesmos trabalhos que ora se reclamam para o vale do grande rio. É certo que destemidos sertanejos desses três Estados sabem fazer produzir os seus rios, mesmo em águas, quando cobertos os seus leitos de arenosas camadas. Entretanto, para as grandes obras e canais de irrigação far-se-ia necessário forte auxílio do poder público. Que esse auxílio seja dado para as



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

grandes, médias e pequenas obras de açudagem e irrigação nos três Estados que nós chamamos das secas.

Hoje, já ninguém ignora que nos sertões secos há chuvas, muitas vezes irregulares, irregularíssimas, mas suficientes para fornecer água a suas necessidades. A questão é regularizar essas águas, retê-las para oportuno aproveitamento nas secas, evitando inundações nos anos de excessivas chuvas.

A propósito, em 1927 publicamos: “Em o Nordeste é, pois, a irrigação o seu aparelhamento, remédio contra as secas e contra a inundação. Podemos afirmar o que poderia parecer disparate: no Nordeste, onde as águas são passageiras, onde não há rio perene, a irrigação extingue duas calamidades antagônicas. Nenhum esforço de inteligência se faz necessário para tão intuitivo conhecimento. Imaginemos que algum povoado à margem do rio Sitiá estivesse em anos de abundantes aguaceiros, sujeito a prejuízos ocasionados por enchentes. Foi à montante construído o açude de Quixadá. Cessaram as inundações. E as águas ficaram retidas para fertilizar terras”.

Sobre a canalização do São Francisco para o Nordeste das secas, há vinte e cinco anos, em 1908, publicamos: ...”Há um profissional apregoando pelos jornais do Rio a canalização do São Francisco mineiro, como única medida de salvação contra as secas, sendo preciso, porém, que numerosas barragens e canalizações em rios sertanejos formem um completo sistema de distribuição de águas, fertilizando toda a área das secas. A este último podemos, sem medo de errar, responder que se dado for ao sertão das secas esse sistema de barragens e canalizações em



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

seus rios, poderá ficar em paz, rolando suas majestosas ondas, o S. Francisco, evitando, talvez ainda um século de estudos para sua canalização”.

É, ainda hoje o nosso parecer.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

PEQUENA AÇUDAGEM

Felipe Guerra

A pequena açudagem representa elemento importante na luta contra as secas? Qual o melhor modo de incentivá-la? (Tese 11^a).

A inspetoria de Obras Contra as Secas, em seu regulamento, considera “grandes açudes” aqueles que têm capacidade superior a dez milhões de metros cúbicos e cuja represa tenha profundidade maior de dez metros; “médios” os açudes que tenham capacidade média de três milhões de metros cúbicos e cuja represa tenha profundidade não superior a seis metros; finalmente, “pequenos” os açudes de capacidade não inferior a meio milhão de metros cúbicos e cuja represa tenha profundidade de quatro metros.

É uma classificação um tanto elástica, sobretudo quanto à classe do grande açude, que poderá armazenar cem milhões e até bastante mais do que isso.

Na linguagem sertaneja também existe uma classificação, bastante arbitrária. Em publicações de 1927, explicávamos; o açude que é suprido em um inverno e recebe nova água no inverno do ano seguinte (geralmente março ou abril), já estando sem água, ou quase seco, é um “açude pequeno”; aquele açude que é suprido no inverno, não recebe água no ano seguinte, porque não houve inverno, e vai ao fim desse mesmo ano ainda



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

com alguma água, é um “açude regular, e o que vai além dessa bitola, resistindo, é classificado como “açude grande”.

Note-se que dois anos sem suprimento d’água implicam em, pelo menos, trinta meses de estiagem, no Nordeste.

É impossível desconhecer o valor da pequena açudagem; sem ela, já o dissemos antes, o sertão tornar-se-ia inabitável, mesmo sabendo-se que o pequeno açude se esgota ao primeiro assalto das secas. Eis porque em 1902 escrevíamos: “No sertão, vale mais deixar à família um bom açude do que rico e belo palácio”.

O engenheiro norte-americano Roderic Crandall, que percorreu o Nordeste estudando-o, em missão da Inspetoria de Secas, por volta de 1910, informava, no valioso livro em que reuniu suas excelentes observações, ter sido o Seridó, em todo o Nordeste, o lugar onde é possível obter manteiga e queijo durante o ano todo. Eu acrescentava ser isto possível graças aos pequenos açudes, que fornecem às vacas pastagens nutritivas, quando está seca toda a região circundante.

Nesse livro, que se editou em 1910, Crandall reproduz uma planta do município do Acari, no Rio Grande do Norte, mostrando 157 propriedades com açudes, adiantando: “monumental atestado da indústria do povo nortista e ao mesmo tempo prova brilhante de que a açudagem é compreendida como necessidade fundamental. Este “croquis” por si só explica a razão de ser o Seridó a região mais rica do Rio Grande do Norte”.

É verdade que o pequeno açude, de muito proveito e utilidade para o seu dono, falha nas crises prolongadas. Eis porque



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

em 1902 dissemos que eles são como amigos pouco dedicados: ausentam-se nos grandes perigos.

Mas se não devemos esperar o impossível do pequeno açude, convém não esquecer que ele constitui uma fonte segura de produção, com grande vantagem para o seu proprietário, para a família deste e para quantos se utilizam inclusive das suas vazantes, concorrendo, de maneira indireta, para prosperidades do próprio Estado.

Assim pensando, já em 1891, quando deputado ao Legislativo Estadual do Rio Grande do Norte, apresentamos um projeto de lei que concedia isenção de determinados impostos aos particulares que construíssem nas suas terras açudes capazes de conservar água por dois anos. Esse projeto tinha por fim levantar e animar a iniciativa particular a este respeito.

Sempre, em nossos escritos, procuramos, além do seu valor econômico, demonstrar que o açude, constitui, ainda, um núcleo de vida e de atividade social, permitindo a metodização da vida sertaneja, nos seus mais diferentes aspectos.

Parece que não é preciso dizer mais para demonstrar que o açude particular, pequeno açude, representa fator muito importante na luta contra as secas e que o Governo no âmbito federal, estadual ou municipal deve incentivar a iniciativa particular para sua difusão, onde for possível, seja pelo sistema dos incentivos, isentando o seu construtor de determinados impostos, ou então estabelecendo modalidades de financiamento parcial do governo à sua construção, prêmio em dinheiro e assistência técnica, importante para resguardar de possíveis arruamentos. Muitos



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

embora existam “práticos” bastante experimentados nesse tipo de construção.

Eis o que já escrevíamos em 1927: “A pequena açudagem deve ficar exclusivamente a cargo da iniciativa particular, podendo apenas o poder público incentivá-la, animar, desenvolvê-la”.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**
COLEÇÃO
MS
SEM

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

CANGACEIRISMO

Felipe Guerra

A extinção do cangaceirismo é indispensável para o desenvolvimento econômico do sertão? Como proceder? (Tese 12ª).

O desenvolvimento econômico do sertão reclama urgentemente a extinção do cangaceirismo. Também o seu desenvolvimento social e a sua vida normal.

Como organizar a vida econômica sem a segurança de bens? Como relações econômicas e sociais, sem garantias de vida? Como trabalhar, educar família, sob ameaças dos maiores ultrajes e torpezas de hediondos facínoras? O cangaceirismo, onde se manifesta, ocasiona a desorganização da vida econômica, a retirada, o abandono da propriedade, e morte, e ultrajes muito piores do que a morte.

O infeliz sertanejo, em sua calma e trabalhosa existência, tem inesperadamente seu sossegado lar invadido por torpes bandidos. Carregam-lhe haveres, roubam-lhe a vida, ultrajam a esposa, as filhas... há quadros mais pavorosos de desgraças? O sertanejo leva sua existência sob tais ameaças. Urge extinguir sem piedade e nefanda praga.

Em 1927 publicávamos: “Desgraçadamente, já não é possível deixar de observar que grupos têm aparecido, protegidos, oculta ou extensivamente por “amos” que os mantêm, assim como o caçador conserva adestrada matilha de cães, que fiel-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

mente à boca leva a caça ao caçador. O cangaceirismo, hoje, é de exclusiva criação de potentados locais. A índole do povo é boa, e o pobre desprotegido nada poderia tentar contra a segurança da população. É porém, o homem do povo, infeliz ignorante, açulado ao crime por mandões locais. O cangaceirismo é, atualmente, uma criação artificial da maldade, aliada à ignorância de potentados locais”. O cangaceirismo truculento, originado por ódios e vinganças, tende a desaparecer. Está recuando para os remotos sertões de Goiás, Mato Grosso, Bahia... O que ainda se manifesta nos sertões de fáceis comunicações é outro, não menos perigoso, mais vil, talvez sob a forma de latrocínio. Em uma noite, honesto e pacato fazendeiro tem sua isolada habitação assaltada por um grupo de três, quatro, cinco indivíduos armados, algumas vezes mascarados. Desprevenido, não pode reagir. Se reage é assassinado. Carregam-lhe dinheiro, jóias são extorquidas “a ponta de faca”. O lar é desrespeitado, é ultrajado. Esse pequeno grupo é formado de indivíduos disfarçados, vindos da localidade próxima. A mais das vezes, são compostos de criminosos arrebanhados de longe, por conhecidos, acatados e respeitados mandões, talvez “amigo” da vítima e que os acoita, protege e os bem seus “moradores”. E o “conceituado” e “respeito” potentado locupleta-se com essas esporádicas rapinagens, e seus haveres e prestígio aumentam. Ora por outra, o próprio mandante elimina um dos mandatários. E para isso algumas vezes solidifica sua “benemerência”. Auxilia a prisão de um “criminoso”. E uma arranjada resistência justifica a morte de um instrumento que já ameaçava delações ... É essa uma das mais



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

perigosas formas do banditismo. É um banditismo “caseiro”. Conhece suas vítimas, com elas vive em contato, escolhe a oportunidade para agir.

Todos conhecem os fatos e os autores. Não há provas, cuidadosamente apagadas. Coitado de quem tiver a ousadia de falar. Não são os humildes os fatores do cangaceirismo. São os potentados, são aqueles graúdos, raros, felizmente, que, destoando da índole boa e honesta do caráter sertanejo, cultivam sua maldade, sua vileza. Exceções raras. Ameaça latente.

Ameaça latente.

Para o cangaceirismo, o único remédio é um policiamento previdente, vigilante, energético, destemeroso.

Natal, novembro de 1933.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

**COLEÇÃO MS
MOSSOROENSE**



www.colecaomossoroense.org.br

***HISTÓRIA DO ALGODÃO NO SERIDÓ,
ESCRITA POR MIM,
FRANCISCO RAIMUNDO DE ARAÚJO,
RESIDENTE NA FAZENDA EPINAL,
MUNICÍPIO DE ACARÍ,
RIO GRANDE DO NORTE***

Quem primeiro trouxe para o Seridó semente de algodão para cultivo e negócio, foi Alexandre do Amaral, vulgo Alexandre Menino, morador no Rio São José, Município de Acari. “Matuto” que negociava com carne e queijo para Recife, numa dessas viagens, em 1861, trouxe sementes de algodão de espécies: quebradinho e herbáceo.

O algodão que existia na zona Seridoense era o inteiro, isto plantado em pequenas quantidades, apenas para o consumo de cada casa, empregado na tecelagem de redes e até mesmo em vestuários.

Em 1862, Alexandre Menino foi a Recife comprar uma máquina de serra movida a braços, para a descaroça do algodão. Nesse mesmo ano fez uma prensa.

Logo foi espalhando sementes aos vizinhos e em 1867 Alexandre Menino fez a primeira bolandeira, visto que a máquina já não comportava a descaroça do algodão da vizinhança.

Podemos ver que havia três espécies.



Banco do Nordeste



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MS MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em 1869, meu saudoso pai, Felix de Araújo Pereira, residente na fazenda Garrotes, Município de Acari, plantou pela primeira vez do algodão falado acima, para negócio.

Em 1870 fixou uma bolandeira e prensa, sendo a segunda subsistente naquele tempo em terra do Seridó.

Em 1882, apareceram umas sementes azuladas, sob a denominação de riqueza.

Em 1887, deram-me um pouco de sementes pretas miúdas, e plantei na mesma época. Em julho do mesmo ano, em certo dia, estando com meus trabalhadores e passando pelas plantas do referido algodão, o trabalhador Manoel Marco, vulgo Neco Marco, notou que aqueles algodoeiros eram mais diferentes que as que plantávamos. Então perguntou-me como chamava-se. Não sabia, mas fiz lembra-lo duns algodoeiros nativos, geralmente parecidos com estes, nascidos no local Olho d'Água da Seriema, entre uns grandes serrotes pedregosos, onde habitam quadrupedezinhos da família dos roedores, de nome Mocó.

Neco Marco disse que deveria chamar-se mocó, porque nasceram em serrotes, morada própria deste animalzinho e em cujo lugar havia muitos.

Deste dia em diante ficou com este nome, derivação hoje fatalmente conhecida.

Passados anos, alguém procurando saber a origem do Algodão "Mocó" foi fazer uma devassa de onde havia vindo.

Cândido Fernandes de Araújo, vulgo Cândido Coxo, morador no rio São José, município de Acari, indo a Bananeiras, Estado da Paraíba, hospedou-se em casa de seu amigo João



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Marques, residente em Chão de Moreno, no Município de Baneiras. Este, indo ao porto daquele Estado, comprou uma arroba de sementes vindas do Egito, assim disse-lhe uma pessoa. Deu um punhado a seu hóspede, o qual plantou-as em seu sítio. Vindo uma cheia muito grande, destruiu as plantas ainda bastante tenras. Da tal enchente escaparam alguns pés; produzindo uma arroba, foi ser descaroçada na bolandeira da Fazenda, “Navios”, do Coronel Manoel Maria do Nascimento Silva (Nesse Estado).

O empregador da descaroça – Francisco Theodósio.

Destas sementes, Cândido Coxo deu a vários agricultores e também a mim, das quais plantei, em 1887. Assim fiquei sabendo a sua procedência.

No ano de 1895, o Coronel Jovino Barreto, dono da fábrica de tecido em Natal, enviou ao Coronel Manoel Maria do Nascimento Silva sementes de algodão de fibra parda, cor da seda em seu estado natural. Não sabendo o seu verdadeiro nome, deram-lhe o de “SEDINHA”.

De 1900 em diante vieram sementes da América do Norte com os nomes: verdão, herbáceu ou herbáceo (vulgarmente conhecidos por esta última designação) sementes brancas; Sea-island, sementes pretas e o Caravônica, de sementes também pretas.

Plantávamos misturados esta como as outras que já tínhamos, pois não conhecíamos a seleção.

Vendo que as terras do Seridó são poucas e a população aumentando, lembrei-me de fazer uma experiência de plantar essa preciosa malvácea nos tabuleiros pedregosos.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O sistema que experimentei foi de cavar com a picareta covas grandes e fundas, tirando a terra para o lado mais baixo do terreno, fazendo espécie de açude.

Executei o plano em 1910, dando esplêndido resultado, continuei nos anos sucessivos. E em 1919, ano totalmente seco, já havia vinte e cinco mil covas plantadas.

Em junho do referido ano, revendo as plantações novas dos altos, deparei com um algodoeiro da altura de uns trinta centímetros, com três capulhos. Colhi-os e descaroçando verifiquei ser americano de sementes verdes. Por curiosidade, plantei separadas dos outros. Chegando o tempo da colheita, encontrei dois pés com as sementes pretas, miúdas e uma lanugem verde ao pé da agulha. Deste dois pés, plantei separadamente em um hectare de terreno de várzea. No tempo da apanha, em 1920, achei variedades qualidades, então comecei pela primeira vez as seleções, apanhando cada pé isoladamente e no plantio fazendo o mesmo. Dessas seleções, pus o nome de “SERIDÓ”, cuja denominação extensamente conhecida foi para a exposição na Inglaterra e no Rio de Janeiro, com este original nome.

Da linhagem de dez diferentes modelos, surgiu o tipo “Seridó”, sendo suas sementes bastante procuradas pelos agricultores de vários pontos de nosso Estado. Sua fibra oferece ótima vantagem; tanto é forte como longa.

Junto a uma partida de algodão de outras qualidades foi ser inspecionado na Inglaterra.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Joaquim das Virgens Pereira, tendo comunicação com esse país, incumbiu-se de enviá-los e mandou saber qual dos fardos era o melhor.

O resultado é que o Seridó teve duzentos pontos acima dos outros.

Nessa seleção apareceu o algodão de fibra parda, que estou selecionando com o nome de “Sedinha”.

Há poucos dias mandei para uma exposição em Natal amostra do “Sedinha” e “Seridó”.

(a) Francisco Raimundo de Araújo.
(Agricultor na Fazenda Epinal – Acari).

Em 16 de Setembro de 1931.
Copiado conforme o original.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

DNOCS E DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

Rui Simões de Menezes

- 1 – “Política de Açudes” – é o título de mais um excelente trabalho do Prof. Otto Guerra, Vice-Reitor da Univ. Fed. Rio Grande do Norte (1972, “RN-Econômico”, Natal, abril, p. 35). Afirma ele, com muita justeza (1.1) – “Não se trata de discutir, como fazem alguns, se a mera política hidráulica resolve os problemas da região. É muito certa a observação do economista Albert Hirschman, quando diz que “o problema da secas foi integrado no contexto mais amplo de subdesenvolvimento de toda a região nordestina, muito atrasada em relação ao vigoroso crescimento do Centro-Sul do País”, (1.2) – “Mas também é certo que o mais grave de todos os problemas cotidianos continua a ser o do abastecimento d’água”, (1.3) – “Conheço uma iniciativa tomada pelo meu avô, Dr. Luiz Gonzaga de Brito Guerra, para a construção de um açude no Riacho das Coroas, em Augusto Severo (RGN), lavrando-se um contrato a 2 de dezembro de 1860, em que 17 proprietários ribeirinhos e confrontantes se obrigavam a concorrer para os trabalhos e regulavam o condomínio na água e no peixe”.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO
MS
SEM



www.colecaomossoroense.org.br

- 2 – Importante também, no trabalho do Dr. Otto Guerra, é a referência ao plano de ação da antiga IFOCS (hoje DNOCS). Foi esse plano elaborado pelo eng. de Minas, Miguel Arrojado Lisboa, a quem Celso Furtado, em artigo publicado no “Digesto Econômico” (nov. dez. 1962), considera “homem da mais alta categoria intelectual e moral. Um plano racional, sistemático, em padrão técnico aos melhores de sua época, em qualquer país, embora limitado pelas condições políticas”.
- 3 – É sabido que a ação inicial do DNOCS efetivou-se na 1ª República, entre 1909 e 1930. Nessa fase, consoante informações contidas em artigo anterior, de nossa autoria, quem mandava no Brasil eram os políticos e os advogados. Por isto não conseguiu o DNOCS concretizar suas metas. Quais eram elas, naqueles tempos já recuados?
- 4 – Informa ainda o Prof. Otto Guerra “Tenho uma carta de Arrojado Lisboa, datada do Rio, 17 de fevereiro de 1911, dirigida ao meu pai, na qual o engenheiro, depois de declarar que é sempre com acatamento que leio tudo quanto escreve o autor das “Secas contra as Secas”, adianta – “Comungo inteiramente com as mesmas idéias de que a açudagem e a irrigação, a pequena açudagem feita por particulares e a grande feita pelos go-



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FINGST-JUN ROSADO

COLEÇÃO
MS
SEM



www.colecaomossoroense.org.br

verno, é que darão a solução ao problema econômico do Norte, onde já há uma população estabelecida e presa à terra, problema que não sendo o mesmo de outros países, onde a açudagem e a irrigação são empreendidas em zonas áridas principalmente com o fim de povoá-las, necessita ser encarado sob outras vistas”. E por último “Convencidos estamos de que a solução do problema importa um trabalho maior de reforma de costumes e mudanças de hábitos, do que de obras propriamente de engenheiros”. O Dr. Guerra acentua que Arrojado escrevia isto em 1911, muito antes da moderna conceituação dos problemas nordestinos, resultante dos estudos do Banco do Nordeste do Brasil e da SUDENE, na década de 1950.

- 5 – Deveria ser amplamente difundido o artigo focado, do Prof. Otto Guerra. Faz inteira justiça ao DNOCS – alvo de injúrias partidas de comentadores apressados e portadores de idéias fixas negativas sobre essa autarquia.

O Povo (Fortaleza) 19-07-1972.



**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MS
M OSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

SOBREVIVÊNCIA DO BANGUÊ

Reinaldo de Oliveira Sobrinho

A cultura da cana é historicamente a mais antiga das atividades rurais que se conhecem no Brasil.

Já em 1526 os livros de arrecadação da Casa da Índia, da metrópole portuguesa, registravam o pagamento de direitos de entrada, ali, de açúcar do Nordeste. Acredita-se que a iniciativa fora uma resultante do espírito judaico dos homens de além-mar, sob a influência da Corte, que não escondiam também o seu interesse pela exploração do produto. E assim surgiram, entre nós, os primeiros engenhos. O tipo de açúcar dessa época era uma espécie de mel natural, que muito se apreciava.

A civilização agrária da Paraíba, por exemplo, teve os seus primórdios em 1585, com o engenho que Martim Leitão, fundador da Capitania, mandou instalar em Tibiri, para a Fazenda de Sua Majestade. Seguiram-se outros de ordens religiosas e particulares, todos no interesse da colonização da terra. É a época da doação das sesmarias. A primeira data de 10 de janeiro de 1586 (uma légua no rio Una) requerida por João Afonso, para plantar cana; vêm depois novas concessões: à ordem de São Bento, aos índios de Jacôca, etc., em zonas adjacentes da capital. Mais tarde, durante a invasão dos holandeses, o número de banguês subia a dezoito, em pleno funcionamento. Apesar do saque e abandono que eles então sofreram, com a vitória dos batavos, não desapareceu, contudo, completamente esse esteio da eco-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

nomia regional. Enfrentamos aqui os mais duros revezes da sorte. Ante o novo ataque, após o embarque de Nassau, em 1644, tivemos de queimar os nossos canaviais para não deixá-los em mãos do inimigo. Por esse tempo a Paraíba debatia-se ainda com três flagelos: inundações na várzea, seca na caatinga e uma epidemia de varíola, que eliminou cerca de mil pretos dos trabalhos da lavoura. A crise atingiu, assim, proporções verdadeiramente alarmantes. Mas o ânimo e a tenacidade dos nativos venceram tudo. O poder público também se movimentou para amparar a causa que era tão nossa. Por ordem dos governadores Fernandes Vieira e Matias de Albuquerque, reconstruíram-se diversos engenhos. Já em fins do século dezoito, o Estado possuía 300, ao todo. Foi quando surgiu a primeira usina de nome “São João”, por iniciativa de uma companhia de capitalistas estrangeiros. A excelência da cana da várzea tornou-se famosa; a sua pureza de logo se popularizou entre os emigrados de Portugal. O próprio Nassau rendeu-se à realidade desse privilégio, pois nos deixou um escudo em que se viam cinco pães de açúcar.

Os mais antigos engenhos do Nordeste se moviam pela força da água; outros eram de bestas e, por último, alguns a vapor.

Mecanicamente, porém, a aparência se traduzia em rudimentarismo sem igual. Aliás, a chamada “fase do barro” pontificou aqui por um século e tanto. A evolução, nesse particular, foi de fato muito lenta. Antonil faz uma discriminação dos engenhos do início de 1800, que se pode perfeitamente adaptar aos bangüês de cem anos depois. Lá pelos meados do século deze-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

nove é que começaram a chegar da Inglaterra as máquinas para a fabricação do açúcar e, com elas, os assentadores de peças.

Não se deve nunca esquecer o valor da contribuição do negro nas variadas atividades do engenho. Ele estava em toda parte. Na plantação, na colheita, no transporte das canas, na moagem, na alimentação das fornalhas, no preparo do mel, no ensacamento, na construção, enfim, do açúcar em carros de boi para os pontos de comércio.

Criou-se, assim, um ciclo de civilização que estendeu a sua influência por longo período, sobre a vida do Estado. Os núcleos agrícolas de cultura da cana ofereciam, de fato, um misto de prosperidade e prestígio sem limites. Ninguém desconhece o predomínio da burguesia rural de então. Os senhores de engenho dispunham de dinheiro e poder até para controlar o governo. Falavam alto dentro e fora da casa-grande. Sentia-se mesmo uma espécie de feudalismo, através da maneira com que eles agiam. A justiça e a política, pelo menos durante o Império, estiveram em suas mãos.

Veio, afinal, o declínio dessa fase de apogeu. Dois fatores concorreram decisivamente para o desaparecimento do bangüê: a penetração da estrada de ferro e a presença ameaçadora da usina.

Na Paraíba, aliás, o fenômeno é de fácil observação: na zona da várzea, onde mais se caracterizou a opulência dos senhores do açúcar, existe um outro engenho; a maioria de fogo morto. Já nas terras do brejo a situação é bem diferente; ainda se verifica a resistência, ou melhor, a sobrevivência do bangüê,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

distante que está da intervenção desses elementos. Metido entre serras, o velho engenho persiste, assim como que insensível ao avanço da técnica. Não resta dúvida que a topografia do meio pontilhado de acidentes favorece sobre modo o isolamento e o seu primitivismo de vida.

A paisagem, pois, ali quase não mudou de aspecto.

A atividade de cada dia se processa suavemente, dentro dos limites de uma rotina que parece inalterável. O senhor da casa-grande a ditar ordens; o vai-e-vem de animais com a cana para o picadeiro; a fumaça de um tosco bueiro de tijolo, que revela o esforço e a dedicação de muitos. É um pequeno mundo de trabalho e adorável poesia. Talvez tão cedo o bangüê não sucumbirá. Trata-se realmente de um sistema de produção hoje mais do que nunca sem grande interesse para os que o exploram. Possui as suas restrições de lucro. Mas dentro desse clima de instabilidade, sujeito a ameaças de toda sorte, ele ainda reage com firmeza. Presentemente tão simples, como se mostra após quatro séculos de esplendor, a permanência do engenho constitui, portanto, um capítulo da mais viva curiosidade para o levantamento da história social e econômica do Nordeste.

Brasil Açucareiro (Revista) agosto de 1954.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

AVITAMINOSE SERTANEJA

Costa Porto

No estudo da avitaminose das populações sertanejas, encontrou Orlando Parahym uma série de fatores que a explicam e agravam. Em primeiro lugar, a carência de substâncias verdadeiramente nutritivas, principalmente os alimentos protetores, como leite e derivados, frutas, hortaliças e ovos. Em segundo lugar, fatores exteriores que concorrem para diminuir a pequena margem de vitaminas acumuladas pelo organismo: excesso de energia muscular, provocando gasto excessivo de calorias, a temperatura ambiente, exigindo dose de vitaminas que não existem para atender nem às temperaturas normais, finalmente a sudorese que provoca a eliminação de muita vitamina, diminuindo, desta sorte, as poucas reservas acumuladas. Esta sudorese, aliás, procurei ressaltar, pode responder, também segundo opina José de Castro, pela “indolência” do nosso trabalhador, que perdendo pela transpiração muito sal, perde igualmente muito da energia necessária para manter a resistência orgânica, duramente atingida pelo esforço muscular despendido nos trópicos.

Também fator marcante na avitaminose sertaneja é o álcool, observa Parahym.

O etilismo é uma das pragas mais generalizadas no interior e a filosofia popular já descobriu mesmo na “aguardente” um duplo efeito revitalizador do organismo: bebe-se no inverno para afugentar o frio e bebe-se no verão para fugir do calor e assim



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

bebe-se em todos os tempos, em todas as camadas, havendo mesmo aquela anedota do meninote que, após afirmar que em sua casa bebiam todos, pai, mãe e irmãos mais velhos, acentuava que, dada sua pequena idade, também ele participava da paixão pelo álcool, embora se limitando a “cheirar a garrafa”.

Um dos setores que Parahym mais estudou, ao tempo de seu retiro em Salgueiro, é aquele referente à influência da avitaminose na vista. A carência da vitamina “A”, parece ter sido sua conclusão, responde por muitíssimos casos de defeitos na visão, inclusive a hemeralopia. Parece, porém, que os casos de hemeralopia não são assim tão freqüentes. O próprio Euclides da Cunha, que estudou o caso, descrevendo-o em quadro de notável beleza estilística, deixa margem a que acreditemos que sua ocorrência é mais freqüente nos períodos agudos de seca, e nos paroxismos do verão quando a estiagem colheu de cheio a população. Lendo-se a moldura de “Os Sertões”, parece licito concluir que a hemeralopia – cegueira noturna – somente ocorre depois de certa fase, quando as crises alimentares se agravam e o sertanejo já esgotou os últimos restos de alimentos, tendo recorrido, em desespero, para as “comidas” brabas.

Não sei se estou dizendo alguma heresia, mas me parece que o conceito de Parahym de que a hemeralopia é tradicional no sertão se deve entender em termos, isto é, fácil de acontecer e encontrada com mais freqüência nos períodos agudos de seca e de miséria.

A mulher sertaneja, observa, é grandemente prolífica e Parahym pode mesmo falar na sua opulenta fecundidade, assina-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

lando-se coeficientes de natalidade de 45-50 por mil, quando em Nova York é de 15,2; 18 na Inglaterra e 21,2 na Nova Zelândia. O que, de resto, viria confirmar uma arrojada teoria de Josué de Castro, uma posição singularmente anti-maltusiana, de que a natalidade está em função direta da desnutrição, de sorte que povos bem alimentados são via de regra os que acusam menores índices de natalidade e os mal alimentados os que revelam maior grau de natalidade.

Terna, de resto, que escapa ao objetivo destas notas rápidas.

Peço perdão ao leitor, em especial ao Parahym, pela ousadia com que me meti a invadir seara que não é de minha especialidade.

Repito que meu propósito era, apenas, chamar a atenção para esta excelente contribuição do meu prezado amigo Parahym, que se revela mais uma vez o estudioso austero de nossos problemas, um mestre que deve ser sempre consultado, quando se quiser conhecer a realidade sertaneja, principalmente em suas relações com os dramas da saúde e da alimentação.

Jornal do Comércio (Recife) 11-11-1952



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
EM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

A CARNAUBEIRA NA ECONOMIA POTIGUAR

R. Fernandes e Silva (Agrônomo)

A carnaubeira, “Copernicia cerifica” (Martius) é uma elegante palmeira com 15 a 20 metros de altura, que se encontra nos Estados do Nordeste, especialmente no Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, onde cobre grandes extensões de terra no vale dos seus rios.

Planta providencial – cognominada de “Árvore da Vida”, por terem os seus produtos aplicações as mais variadas. Ferdinand chega a afirmar que ela, por si só, pode suprir as necessidades de uma nação inteira.

Vejamos, pois, de passagem suas principais utilidades: o “estipe” quando desenvolvido, apresenta três seções de aspecto e utilidade diferentes, o tronco, que se emprega em construções rurais ligeiras, tapumes diversos, cercas, currais, etc.; o meio, que fornece uma excelente madeira para marcenaria, madeiramento de casa, construção de travas, postes, etc.; e o cabeço, que também se emprega em construções. Sua parte inferior, leve e porosa, é utilizada no fabrico de rolhas e outros objetos de uso doméstico. Os talos das folhas empregam-se na construção de cercas. As fibras, as finas têm vários empregos, no fabrico de redes, tarrafas, mantas, cordoalha, etc., e as grossas no preparo de escovas, vassouras, etc. As folhas, previamente preparadas,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

são utilizadas na confecção de abanos, espanadores, esteiras, sacos, bolsas, chapéus e outros objetos de uso doméstico. Servem também para cobertura de casas. Os frutos torrados dão uma bebida semelhante ao café e fornecem uma amêndoa que produz um óleo comestível.

Mas o principal produto desta dadivosa palmeira é a cera que se extrai das folhas e têm aplicações as mais variadas: fabrico de velas, na indústria de vernizes, como isolante elétrico, como matéria-prima para diversos aparelhos físicos, para discos fotográficos, etc.

O preço de aquisição deste produto sobe dia a dia, nos mercados estrangeiros, devido ao seu consumo que se torna cada vez maior.

Infelizmente, porém, em virtude dos processos de secagem das folhas e dos métodos de preparo da cera dominantes, perdemos anualmente centenas de milhares de contos de réis.

É que, até hoje, nos temos limitado à exploração extrativa, quando já era tempo de termos estudado os tipos de carnaubeiras existentes no país, para conhecer os que oferecem melhor rendimento e melhor produto, o que se conseguiria por meio de uma exploração sob bases racionais.

O sistema de secar as folhas ao sol, ao ar livre, sujeitas a poeiras, tão comuns nas regiões dos nossos carnaubais, e o preparo da cera pelo processo empírico dos tempos coloniais, devem desaparecer dos nossos hábitos de povo civilizado.

O Congresso Nacional, com o fim de sanar este grande inconveniente, votou uma lei concedendo prêmios a quem apre-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

sentar uma máquina para secar a palha e extrair a cera, e, pelo que estamos informados, particulares e várias firmas nacionais e estrangeiras, interessadas, já têm estudo a respeito. Assim, possivelmente, dentro de pouco tempo poderemos, com o auxílio de máquinas apropriadas, extrair maior quantidade de cera e obter produtos mais valorizados e por preços mais baixos. Enquanto, porém, aguardamos estas máquinas, cumpre-nos recorrer a outros processos menos arcaicos que os utilizados presentemente.

Para conhecimento dos interessados, cumpre-nos dizer que um adiantado agricultor piauiense, residente em Parnaíba, grande proprietário de carnaubais, adquiriu o ano passado no Estado de São Paulo uma estufa para secar folhas desta planta, estufa que muito se assemelha às empregadas na secagem do fumo e das madeiras, e com o seu auxílio tem obtido um aumento no rendimento da cera de 30%, com a vantagem de ser o produto de melhor qualidade. É certo que a estufa carece de certas modificações, mas o primeiro passo já foi tentado com o resultado no que se relaciona à secagem da palha. Quanto ao preparo da cera, devemos recorrer ao auxílio da química e aí estão os nossos técnicos e especialistas indicando-nos como proceder para conseguirmos produtos de primeira qualidade.

No Rio Grande do Norte, esta palmeira, afora os pequenos grupos existentes no sertão, planalto e baixios sertanejos e praias do litoral, é encontrada cobrindo léguas e léguas, nos terrenos férteis, de aluvião, que formam os vales dos rios Açu, Mossoró e Upanema.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O maior carnaubal do Estado é o da várzea do Açu, com cerca de 7 quilômetros de largura e 70 de extensão.

Somente os produtos desta imensa floresta, se fossem bem aproveitados, forneceriam elementos valiosos para o progresso e bem estar do povo potiguar.

O Rio Grande do Norte, que produz anualmente 817.000 quilos de cera por valor de réis 8.170:000\$000 (1935) teria elevado, no mínimo, com o uso das estufas a que nos referíamos, a sua produção a 1.062.100 quilos no valor de 10.621:000\$000. E maior seria o seu rendimento, se no preparo da cera adotassem os métodos modernos.

Experiências feitas no Estado do Ceará pelo Dr. Carlos de Alencar Pinto, provaram que, com os métodos de extração e preparo desde produto em uso, perde-se quase 50% da produção.

Não se justifica, pois, o continuarmos a secar a palha da carnaubeira ao sol, em pleno campo, sujeito a poeira e a perder grandes percentagem do pó, e a adotar no preparo da cera métodos hoje francamente condenados pelo seu baixo rendimento em produto de primeira qualidade.

Há mais de um quarto de século, Pasqual de Moraes chamou a atenção dos poderes públicos para a exportação de sementes de carnaubeira para o Ceilão e, não faz muito tempo, mais de uma voz brasileira patriota se fez ouvir no recinto da Sociedade Nacional de Agricultura, como protesto solene contra a saída de sementes e mudas de carnaubeiras para o Congo Francês, etc., revelando os meios criminosos como estavam saindo do país.

Precisamos, pois, defender os nossos carnaubais e, seus produtos contra a ameaçadora concorrência estrangeira.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE

(TRECHO DE UM RELATÓRIO)

A Estrada de Ferro Sampaio Correia (antiga Central) teve autorizada a sua construção em 1903, com intuito de servir à região assolada pelas secas. Em 1904, os estudos foram iniciados por uma comissão chefiada pelo engenheiro Sampaio Correia, que estudou uma linha partindo de Natal e terminando em Caicó, passando por Ceará-Mirim, Lages, Angicos, São Rafael e São Miguel de Jucurutu. Esses estudos foram aprovados somente em 1905, criando-se, assim, a então Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte.

O tráfego foi inaugurado em 1906, até Ceará-Mirim. Em 1907, até Taipú, sendo adjudicada a mesma firma Proença & Gouveia, que se transformou em Companhia de Viação e Construção, com contrato para construção e arrendamento pelo prazo de setenta anos. A Companhia nenhuma preocupação teve no andamento da linha até Caicó. Em 1909 foi autorizada a construção do ramal de Lages e Macau, sem prazo para o término da construção. Somente em 1914 foi dada ao tráfego a estação de Lages e efetuada a construção da ponte metálica de Igapó. Em 1920, como as condições do contrato fossem muito onerosas ao governo e a construção prosseguisse com lentidão, o poder público resolveu rescindi-lo, passando, então a Estrada a funcionar sob a administração federal, sob a orientação da então Inspeção Federal das Estradas. Em 1922 se inaugurou o trá-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

fego de Lages a então Epitácio Pessoa e daí até Macau, por uma estrada de rodagem. A cidade de Angicos foi ligada apenas em 1932. O trecho Natal-Nova Cruz, pertencente à Great Western, desde 1901, foi incorporado à Central do Rio Grande do Norte no ano de 1939. Esse trecho foi construído em 1873, por uma firma inglesa. O tráfego até São José de Mipibu teve sua inauguração em 1881, até Nova Cruz, em 1883, sendo resgatado em 1900 pelo governo Federal. Os trechos de Angicos a Oscar Nelson e Epitácio Pessoa, hoje Pedro Avelino, a Afonso Bezerra, foram entregues ao tráfego em 1949 e 1950, respectivamente.

Como vemos, atualmente a Estrada de Ferro Sampaio Correia compõe-se de dois trechos e um ramal, como sejam: Linha Sul, Natal-Nova Cruz, com uma extensão de 121 quilômetros; Linha Oeste, Natal-Oscar Nelson com uma extensão de 218 quilômetros; Linha Norte, Lages-Afonso Bezerra com 42 quilômetros. Nas duas últimas, as construções de prolongamento continuam, estando bem adiantados os serviços até São Rafael, numa extensão de 21 quilômetros, faltando apenas a construção da ponte sobre o rio Carau e algumas obras d'arte. Além de Afonso Bezerra estão atacados serviços de terraplanagem numa extensão aproximada de 10 quilômetros. Há poucos dias foi aprovado pelo Sr. Ministro da Viação o projeto de prolongamento até São Miguel de Jucurutu, do qual os 10 primeiros quilômetros já estão na eminência de serem locados, faltando apenas ordem superior para ataca-los.

As condições técnicas mais precárias que se verificam nas linhas da Estrada de Ferro Sampaio Correia são as do trecho sul, em que há curvas de raio de 100 metros, rampas até 3,5%, trilhos de 24



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

quilos por metro cujo desgaste fê-los passar a 17 quilos, 1.300 fraturas, chegando às vezes até 5 em trilho de 10 metros. Existe uma variante estudada e já aprovada pelo Governo Federal em substituição ao atual traçado, porém até agora a sua construção não foi autorizada. Em maio próximo passado foi inaugurada uma pequena variante nesse trecho, designada “Barro Branco”, antes da estação de Estivas, variante essa que melhorou consideravelmente a capacidade de tráfego nesse local. Antes, numa extensão de 2 quilômetros, havia 12 curvas com raio de 100 metros e rampas de 3,5% que ocasionavam, pelo aumento da resistência, diminuição no poder de reboque das locomotivas, obrigando transposição nesse trecho com cargas parceladas, até um desvio que foi construído em 1947. Atualmente, nessa variante não há mais o parcelamento da composição, uma vez que, no trecho, existem apenas 4 curvas de raio de 286 metros e rampas máximas de 2,5%. Na linha Oeste as condições técnicas são relativamente boas.

Transportamos em 1950 – 97.000 toneladas de mercadorias ocupando em primeiro lugar o sal, na proporção de 11%, seguindo do caroço de algodão, farinha de mandioca e açúcar, com 6% respectivamente, algodão em pluma e cimento, com 5% cada, cal e torta de farelo de algodão, com 3% cada, e na razão de 1% aproximadamente, farinha de trigo, querosene, óleo de caroço de algodão, madeiras e milho. O total de toneladas-quilômetro foi de 10.400.000.

Transportamos 264.000 passageiros que fizeram um percurso médio de 60,230 quilômetros.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

CONFERÊNCIA FEITA NO GRÊMIO RIO GRANDENSE DO NORTE EM 10 DE AGOSTO DE 1916 NO RIO DE JANEIRO

Amaro Cavalcanti

NATUREZA E FORÇAS ECONÔMICAS DO RIO GRANDE DO NORTE

Minhas senhoras
Senhores

Cabe-me, pela segunda vez, a honra e satisfação de usar da palavra no seio do Grêmio Rio Grande do Norte.

A primeira vez foi um dia de gala para este Grêmio, então reunido para assistir à posse da nova Diretoria eleita, tendo por Presidente o Sr. senador Ferreira Chaves, atual governador do nosso Estado. Uma comissão especial fora convidar-me para presidir a sessão inicial, na qual se deviam empossar os novos eleitos. Obedeci ao convite, mais como quem recebia uma distinção, do que como quem cumpria um simples dever de cortesia; e aqui encontrei na ocasião os filhos mais distintos do Rio Grande do Norte e os seus homens políticos em maior evidência.

Hoje, igualmente convidado, por outra comissão especial de meus conterrâneos, para fazer no seio deste Grêmio uma con-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ferência, acedi também ao convite com o mesmo sentimento; certo como estou, de que esta nobre Associação prossegue o mesmo rumo, isto é, que ela se não deixa levar por outro intuito, que não seja o do bem e da elevação da nossa terra Natal. Podia nesse sentido ajuntar, que nem no seu próprio pessoal diretor encontro agora mudança, de modo a presumir uma orientação diferente; desde que são, respectivamente, presidente e 1º. Secretário do Grêmio os mesmos ilustres conterrâneos que outrora, conjuntamente com o muito ilustre Sr. Ferreira Chaves.

Sinto-me, pois, muito a gosto, por considerar que os intuídos da Associação patricia são os mesmos da vez primeira, quando aqui nos encontramos.

Escolhi para o tema “Natureza e Forças Econômicas do Rio Grande do Norte”.

Nos Limites obrigados de uma breve conferência, não precisava advertir que não pode passar de simples referências, tudo quanto me será possível dizer debaixo de tema tão sugestivo.

Cada um dos presentes, que são norte-rio-grandenses, conhece com certeza, melhor do que eu, a terra onde tivemos o berço. Mas, isto não obstante, parecera-me coisa de utilidade comum e verdadeiramente profícua, revistar os elementos principais que constituem essa pequena, mas assás importante parte do imenso todo, que é nossa querida pátria, o Brasil. É o que explica a preferência do tema indicado.

Muito embora afastados ou ausentes, por motivos ou razões diversas, do torrão em que a natureza trouxe-nos à luz, a qual, como rezam os livros santos, foi a primeira criação da Divinda-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

de,todos conservamos, no fundo do coração, um amor que não se extingue, uma saudade que não fenece, dos dias e dos sítios da nossa infância; essa época ditosa, na qual o riso e a lágrima se sucedem muitas vezes sem causa; e quando os carinhos da família e a freqüência aprazível da escola são o único labor quotidiano; e quando cada um, movendo-se livremente ao meio dos jogos, alegrias, travessuras e brinquedos, ignora por completo, que seja a desventura, longe, muito longe ainda, das misérias e dissabores, que, só mais tarde, terá de enfrentar na vida real.

Abençoada infância, cuja candura será impossível esquecer, por mais longos que sejam os dias que dela nos distanciam...

É a lei fundamental da economia política, cuja verdade não precisa ser demonstrada, que o bem-estar, o engrandecimento e as riquezas de um Estado dependem essencialmente dos elementos naturais do seu território.

Com efeito, é intuitivo que um território formado de regiões geladas ou rochosas, de terras estéreis ou sáfaras, e desprovido de água, a menos que não tenha um subsolo de minerais riquíssimos e em condições de serem favoravelmente explorados, jamais será capaz de uma produção abundante, sem a qual não é possível chegar à posse satisfatória de verdadeira prosperidade ou riqueza. Do mesmo modo, um território de difícil acesso pela sua situação geográfica, longe do mar, sem rios ou lagos navegáveis, a não ser que seja servido por uma viação férrea freqüente, também jamais será susceptível de um largo comércio, outra condição, não menos indispensável, de ter e



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

umentar as indústrias ou a riqueza, com os gozos sem número, que as mesmas proporcionam.

Conseqüentemente, pois, para podermos ter juízo relativamente satisfatório, acerca do lugar que ao Rio Grande do Norte deveria caber na ordem econômica nacional, se faz mister, antes de tudo, atender para os elementos reais, com que a natureza, efetivamente o dotará.

O Rio Grande do Norte acha-se situado aos 4° e 54° e 6° e 28° de latitude Sul, 4° 22° e 8° e 18° de longitude. Este no meridiano do Rio de Janeiro. E limita-se: ao Norte e Leste com o Oceano Atlântico, ao Sul com o Estado da Paraíba, e ao Oeste com o Estado do Ceará. A sua superfície, conforme as publicações oficiais, é de 57.485 quilômetros quadrados.

O seu clima, ainda que quente em geral, é em grande parte amenizado por diversas condições e influências locais; de maneira que a salubridade constitui o estado geral e permanente de todo o território.

Tem longa costa marítima de cerca de 190 milhas, maior do que a de qualquer outro Estado da União Brasileira, com várias enseadas e portos, dos quais os mais importantes são o de Natal, de Macau, e Areia Branca. Tem diversas serras, a maior parte de espantosa fertilidade para a lavoura dos cereais e do algodão. Além das serras, sobram-lhe por toda parte terras para todos os gêneros da agricultura e ótimos campos de pastagem.

Tem vários rios em diferentes pontos, ainda que, quase todos, de pequenos cursos e secos durante alguns meses do verão.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

É também rico de grandes lagoas, a maior parte delas abundan-
tíssimas de saboroso peixe.

Embora se não tenham ainda feito estudos especiais da na-
tureza mineralógica do Rio Grande do Norte, sabe-se, todavia,
que possui jazidas de ferro, cobre, chumbo, gesso, salitre, ami-
anto, manganês, mica e outras.

No reino vegetal, é grande a riqueza do Estado, existindo
em abundância madeiras de construção, assim como palmeiras,
vegetais oleaginosos, leitosos, fibrosos, medicinais, alimentícios
e industriais, etc. etc., em diversas partes do seu território.(1)

O Estado é atualmente servido (31 de Dezembro de 1915)
por 50 agências do Correio Federal, sendo 1 de segunda, 13 de
terceira, e 36 de quarta classe, as quais superintendem 21 linhas
com a extensão de 1479 quilômetros por todo o território.

Tem igualmente serviço telegráfico da União, cuja linha de
tronco é de 414.716 metros com um desenvolvimento de
1.273.683 metros; e nos circuitos, ramais e sub-ramais, a exten-
são de 444.951 metros com igual desenvolvimento.

Há no território do Estado 3 estradas de ferro: a de “Mos-
soró a S. Francisco, já tendo 38 quilômetros em tráfego; a de
Natal a Nova Cruz”, da Rede Great Western, com 122K200 me-
tros em tráfego. Até as fronteiras do Estado da Paraíba; e a
“Central do Rio Grande do Norte” com 144K542 em tráfego até
Lages, prosseguindo a sua construção em demanda do alto ser-
tão do Estado.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Tem também vários açudes, uns públicos, outros particulares, em alguns municípios, e que servem de reservatórios d'água para socorrer a mingua dela nos meses do verão.

A população do Rio Grande do Norte pode ser calculada atualmente em 300.000 habitantes. (O livro citado de Tavares de Lyra dava-lhe 279.000 habitantes em 1908).

Posto, porventura, em confronto com os demais Estados da União Brasileira, o Rio Grande do Norte oferece estes aspectos principais:

- Ocupa, quanto ao seu território, o 17º lugar, sendo apenas de menor território, os Estados do Espírito Santo, Santa Catarina e Sergipe. Quanto à população, deixando de aceitar como exatos os algarismos, que a respeito tem sido publicado, o seu lugar seria, segundo a cifra por mim indicada, o último de todos. Mas se porventura for possível admitir a exatidão dos algarismos publicados, a que se aludiu, a população do Rio Grande do Norte já na seria de 300.000 habitantes, e sim de 480.000 habitantes, cabendo-lhe neste caso, o décimo sexto lugar, isto é, superior em população aos Estado do Piauí, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso; e ainda nesta hipótese, a densidade da sua população seria de 8 indivíduos por quilômetro quadrado, o que lhe daria o décimo primeiro lugar nessa escala de relação.

- No comércio mundial de importação e exportação de mercadorias, o lugar do nosso Estado é, infelizmente, quase o último de toda a escala. Assim é que no ano de 1915, o Rio Grande do Norte apenas importou 7.427 toneladas no valor de 1.185:373\$ e exportou 1.278 toneladas no valor de 604:241\$, só



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

sendo-lhe inferior o Estado do Piauí, o qual sabe-se, aliás, não faz ainda, diretamente em grade parte o seu comércio com o Exterior.

Nesse ponto, entretanto, sobreleva também fazer duas observações: primeira, que o algarismo tão reduzido do comércio externo do Rio Grande do Norte se referia a um ano de seca, como fora o próximo passado; segunda, que os algarismos aludidos da importação e exportação não incluem os da cabotagem. Reunidos estes àqueles, veríamos que a importação total do Rio Grande do Norte, em 1912 (de que possuímos algarismos completos) montará a quase oito mil contos de réis, e a sua exportação, no mesmo período, a dez mil seiscentos e setenta e quatro contos de réis.

Quanto à receita do Estado, também arrecadada no ano de 1912, fora ela de 1.854 contos de réis e a despesa paga de 1994 contos de réis.

A sua dívida total era então de 5.880:931\$, cujo serviço exige 32% da sua receita total, porcentagem manifestamente enorme.

Somente os Estados do Piauí e Goiás arrecadam receita menor, o primeiro tendo-a na importância de 1.487 contos, segundo as publicações oficiais que são conhecidas a este respeito. (2).

Se devêssemos tirar argumento dos poucos algarismos que foram citados, não poderíamos deixar de confessar que o Rio Grande do Norte se mostra ainda em grau muito inferior àquele que tem o direito incontestável de ocupar entre os Estados da



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

União Brasileira, em vista dos elementos de indústria e de riqueza, que sabidamente tanto abundam no seu território.

Vale sem dúvida a pena insistir um pouco neste ponto, ainda que o “per suma capita” somente, dados os limites desta conferência.

Primeiro que tudo, é de mencionar que o território do Estado, para nada faltar-lhe geologicamente, tem 3 regiões distintas: 1ª a do litoral, cuja zona contígua é em boa parte o chamado Agreste, terra de húmus inesgotável e que, si tivesse sido bem aproveitada em toda a sua extensão, como convinha, para a lavoura e mesmo para a criação de gados, seria capaz de por si só constituir uma riqueza especial do Estado, como mais adiante se verá; 2ª a da serra, não falando do planalto da Borborema somente, mas de muitas outras serras, maiores ou menores, ramificações ou contrafortes daquela, ou não, todas as quais, além de serem terras fertilíssimas, verdadeiros celeiros e repositórios de preciosas madeiras, são, ao mesmo tempo, de incalculável benefício para as condições climatéricas e outras vantagens inumeráveis de todo o território. Bastaria lembrar que nelas nascem os seus rios ou riachos, cujas margens são ubérrimas, e cujos leitos são aproveitados para a construção dos açudes; 3ª a do sertão; e, como filho dessas paragens, não posso deixar de ajuntar, do sertão, onde está, sem dúvida, o nervo de toda a vida do Estado. De fato, sem negar as mesmas pressas pessoais, ou mesmo superiores, aos filhos das outras regiões, é forçoso admitir que o sertão do Rio Grande do Norte, zona habitada por gente sã de corpo e de espírito, laboriosa e sofredora, é provadamente capaz de pro-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

duzir todo o gênero de riquezas, que o trabalho humano o exija pelos processos convenientes. Por isso mesmo que a zona sertaneja ocupa não menos de dois terços de todo o seu território, é de considerá-la como a parte mais importante e mais valiosa da economia do Estado.

Ah! o sertão (disse distinto conterrâneo): “É o coração da nossa terra, o repositório fecundo das suas energias... Lá respira-se força e saúde. A alma, aliviada dos atavios enervantes da civilização, sente-se mais sua, mais próxima da natureza e das fontes eternas da vida. Há na luz, no ar, no chão, mais energia vital que em outra parte; também ali tudo é forte e são, o clima, o homem e a terra”. (3)

E um outro, dos mais dignos e ilustrados filhos da nossa terra, escrevera: “Os habitantes dessa zona se caracterizam pelo inexcelsível fundo de inteligência, de energia, de resistência e de atividade”. (4)

Subscrevendo com o maior contentamento, tão merecidos e justos conceitos, prosseguirei na revista dos elementos naturais, que vinha fazendo, como sendo capazes da expansão econômica do nosso Estado.

Cento e noventa milhas de costa marítima, com portos e enseadas diversas.

O mar é, por si mesmo, o caminho largo e sem fim do mundo, pelo qual entram e saem as riquezas feitas de todas as terras, proporcionando os elementos de bem estar e os meios de progresso de ordem moral e material a todos os indivíduos e a todos os povos. Tamanha é a importância do mar para a vida



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

econômica, que no entender de muitos economistas, essa grandeza admirável da indústria e do comércio da Inglaterra deve ser, na sua maior parte, atribuída à sua situação insular, que a torna desde logo de fácil acesso para todas as nações do Universo.

Além disso, as águas do mar que bordam as terras do Rio Grande do Norte, têm em si dois elementos especiais, riquíssimos, da indústria extrativa: o peixe e o sal. Não sei mesmo se haverá em outros Estados ou países iguais elementos, localmente reunidos com tamanha profusão e tamanha facilidade de aproveitamento. Só as duas indústrias indicadas, a da pesca do peixe e da extração do sal-marinho podiam tornar-se para o Estado uma fonte de riqueza permanentemente explorável e de grandeza incomensurável.

Mas não são somente o peixe e o sal os únicos elementos da indústria extrativa existente no seu território. Deixando de lado a riqueza mineral, ainda intacta no seu solo, da qual só o manganês ali existente, de qualidade excelente já verificada em lugares de exploração nada custosa, podia constituir objeto de grande indústria e comércio; acresce que são igualmente de apontar como ramos da indústria extrativa, além de outros, a chamada borracha de maniçoba e mangabeira, a cera de carnaúba, o óleo, as fibras, as gomas, as resinas e as cascas de usos industriais, de numerosíssimas árvores e plantas que se encontram abundantemente em muitos lugares e que, por demais conhecidas, não precisam ser neste momento nomeadas.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Bons elementos da indústria agrícola se encontram, por assim dizer, em cada canto de todo o território. Vales apropriados para a cultura da cana de açúcar, temos como não há melhores em parte alguma. Para exemplo, bastaria somente lembrar o Ceará-Mirim, onde se afirma que cem braças, por cem braças de terreno produzem 200 sacos de açúcar bruto de 75 quilos cada um, ou seja, o total de 15.000 quilos. Se o suco for transformado em rapadura, a mesma área produzirá 40.000 rapaduras de 500 gramas cada uma, ou 20.000 quilos de rapadura (5).

O Ceará-Mirim, acrescenta um competente, é, deveras, pela sua extensão e fertilidade, um inesgotável tesouro, nunca asás aproveitado, e, presentemente, quase improdutivo e enterrado. No quinquênio de 1879 a 1883, em uma quinta ou sexta parte apenas cultivada, chegou a produzir mais de 511.000 sacos de açúcar, ao tipo de 82 quilogramas, ao passo que a sua produção atual não excede de 8 a 10 mil sacos por ano. (6)

O que se diz do Ceará-Mirim, se podia talvez dizer, embora com pouca modificação, de quase todos os vales que ficam na zona do Agreste, tais como os de Maxaranguape, Potengy, Pitimbú e Cajupiranga, Trairí, Goianinha, Canguaretama, e muitos outros, cuja natureza continua, apenas, a esperar pela mão do homem, para entregar-lhe os dons e frutos de que ela é, sabidamente, capaz.

A cultura dos cereais, em geral, na qualidade e quantidade que se queiram, depende, como já se disse, tão somente do lavrador escolher o lugar que melhor lhe convenha para lançar as sementes, desde que não lhe falem as chuvas em tempo próprio,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

ou a água precisa, obtida por outro modo. Quanto à lavoura do algodão em particular, essa grande riqueza comercial do mundo, poderia ela estender-se com vantagem, dizendo sem exagero, a todas as terras sertanejas do Estado, onde o algodoeiro, em vez de ser uma planta de renovação anual obrigada, torna-se uma espécie peculiar de verdadeiro bem de raiz.

Como é sabido, nos anos de maus invernos, os algodoeiros velhos, verdadeiros arbustos de 12 e mais anos, nunca deixam de frutificar, bastando-lhes para isso, ligeiros aguaceiros, ou umas duas chuvas perdidas, isoladas, insuficientes, em sua soma, para qualquer outra lavoura. (7)

Cem quilos de algodão em caroço produzem 33 quilos de rama, e se a sua qualidade for a do “mocó”, essa percentagem subirá mesmo a 35 quilos. (8)

Nada mais compensador.

Felizmente, já se nota pronunciado interesse pela cultura do algodão na zona sertaneja, principalmente nas terras do Seridó; mas ela subsiste ainda muito longe do que pode e deve ser, desprovida de processos e instrumentos que, centuplicando a produção, dêem valor muito maior aos próprios produtos.

De certo: que a lavoura algodoeira do Rio Grande do Norte muito carece para vir a ser uma indústria, verdadeiramente econômica e no todo lucrativa, quer em vista da seleção dos tipos, dos quais resulte rama melhor e de maior procura nos mercados, quer em vista do seu bom acondicionamento e meios de transporte, é o que ficou patente na Exposição Algodoeira, recentemente realizada nesta Capital.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

A indústria pecuária é mais outra para a qual tem o Rio Grande do Norte as melhores condições. Campos vastos, cobertos de excelente pastagem e outras forragens conhecidas, há em quase toda a região sertaneja e em partes diversas do próprio Agreste. A criação das diversas espécies de gado se dá geralmente com grande facilidade, multiplicando-se o número de cabeças dentro de poucos anos, com admirável rapidez. Não se encontram, é certo, as raças aperfeiçoadas, vindas do estrangeiro; mas as espécies indígenas existentes são de boa qualidade e sem dúvida capazes do maior desenvolvimento e de constituir também por si um dos mais valiosos ramos de comércio do Estado.

O que muito necessita é que as administrações públicas tomem maior interesse pela sorte dos criadores, auxiliando-os, quanto possível, ao menos na boa conservação da saúde dos gados, no melhoramento das raças, e noutros mistérios bem conhecidos dessa indústria.

Falta-nos tempo para prosseguir em outras indicações de maneira particular. É, todavia, patente, que os bons elementos de produção e de comércio que ficaram ligeiramente apontados, seriam, por si sós, por demais suficientes para dar, sem dúvida, ao Rio Grande do Norte, um lugar muito mais apreciável na ordem econômica de todo o país.

E que tem impedido que ele não tenha progredido na proporção dos elementos naturais, que existem no seu território?

A incapacidade física ou intelectual da sua população? Vejamos também este ponto.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Na ordem do tempo, ninguém ignora, os elementos da natureza precedem sabidamente ao homem: mas, na vida prática ou real, o que é feito é que, sem o trabalho do homem, os elementos da natureza continuariam nela, por assim, dizer, desaproveitados e inúteis. É o homem que, por meio do trabalho, apropria-se de tais elementos, os transforma e os converte em outros tantos objetos com que satisfaz as necessidades pessoais, e de que forma a riqueza de toda espécie. Portanto, sendo o homem o fator principal da riqueza, é natural que se procure nos elementos da população de cada Estado a causa primeira do seu progresso ou do seu atraso.

Entretanto, se a questão fosse agora encarada debaixo deste aspecto, o atraso econômico do Rio Grande do Norte não podia ser atribuído à sua população senão de maneira indireta, e em todo o caso, feitas às devidas reservas e explicações convenientes.

A “piori” é de afirmar, sem receio de contestação, que não se trata, por forma alguma, de população incapaz pela sua debilidade física, ou depauperada por vícios morais. Pelo contrário, a população norte-rio-grandense, é, no geral, robusta, ordeira, inteligente, de bons costumes, e assaz laboriosa. Se não tem sido bastante apta para dar desenvolvimento maior à riqueza econômica do Estado, a culpa não é propriamente sua. Primeiro que tudo falta-lhe a instrução, ao menos elementar, suficientemente distribuída e convenientemente adaptada. Da estatística, que me foi permitido consultar, há no Estado, apenas, 152 escolas primárias, com uma freqüência de 5.547 alunos de ambos os sexos,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

isto é, uma escola para 378 quilômetros quadrados de território. Eis tudo. Ensino especial, mesmo também elementar, sobre os vários misteres, que constituem as profissões e industriais comuns em todo o território do Estado, não há em parte alguma. Podia-se talvez, calcular que não menos de dois terços da população é ainda de analfabetos, o que quer dizer, de meros instrumentos passivos, em vez de cooperadores ativos e conscientes dos seus verdadeiros fins sociais.

Depois, é geralmente conhecida e sentida a quase nenhuma solicitude, manifestada diretamente e da forma mais conveniente, por parte da administração pública, seja municipal, seja estadual, relativamente às necessidades dos diversos ramos do trabalho no Estado. Assim dizendo, entenda-se bem, não se cogita de sujeitar o trabalho da população a nenhuma espécie de tutela do poder municipal ou estadual. Não, certamente. Refiro-me ao cuidado e atenção, que tais administrações devem prestar a cada ramo de produção, que seja porventura peculiar a esta ou aquela zona; animando-a na medida possível e, desta sorte, concorrendo para corrigir-lhe os métodos ou processos defeituosos, e sobretudo, removendo todos os obstáculos de ordem pública, que lhe dificultem o movimento em todos os sentidos e direções.

Se fosse mister lembrar caso dessa incúria administrativa, bastaria talvez dizer que nem ao menos boas estradas existem ainda em todo o território do Estado, serviço, aliás, tão insistentemente recomendado aos capitães mores e governadores dos tempos coloniais pelo governo da metrópole...



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Mas, falando sorte de fatos e condições, dos quais seja lícito concluir acerca de várias causas do atraso econômico do Rio Grande do Norte, é natural que ocorra a alguém deste ilustre auditório interrogar: E as secas?

Notoriamente, a seca é uma desgraça tremenda, que tem concorrido para semelhante atraso.

Mas a seca não é contínua, nem mesmo seguida de tal modo, que se tenha a certeza de ver o trabalho realizado hoje, ser logo destruído no dia de amanhã. Em regra, ela é periódica, até certo ponto previsível; portanto, cabe ao indivíduo particular, na medida dos próprios recursos, e aos poderes públicos, pelos meios amplos de que dispõem, procurar conjurá-la, e se não evitar os seus efeitos no todo, reduzi-los ao menos numa grande parte.

A iniciativa privada já conseguira apontar à administração pública, e esta aceitou, o primeiro remédio contra a seca, construindo açudes públicos e particulares, aqui e ali, em diferentes localidades; restando, apenas, que sejam eles multiplicados de maneira conveniente. E o segundo remédio, que devia ser imediato àquele, a facilidade de transporte, ao menos para a população flagelada, já se acha também, felizmente, encetado, com a construção das estradas de ferro – Central do Rio Grande do Norte”, e “Mossoró a São Francisco”. Pena é que semelhante construção prossiga por demais demorada, e não sei mesmo, se melhor atendendo as necessidades econômicas do território do Estado.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

Com relação à última de tais estradas, não devo passar além, sem deixar acentuado que sou da mesma opinião do nosso emitente coestadano Tavares de Lira, atual Ministro da Viação e Obras Públicas, quando considera a Estrada de Ferro de Mossoró a S. Francisco uma obra urgente para completar o sistema de viação férrea do Estado e, sobretudo, aconselhada pela necessidade de dar escoadouro natural à produção de uma grande zona de quatro Estados: Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Pernambuco; calculando ele, que só o comércio do sal, que atingirá a S. Francisco e poderá ser levado a Minas pela navegação desse rio, mostra a vantagem da estrada. (9)

As publicações feitas nesse sentido pelos distintos riograndenses Drs. Meira e Sá e Felipe Guerra, são completas e, evidentemente, de toda procedência.

Mas, referindo-me a medida contra a seca, não posso deixar de acrescentar que é incrível, que, com o aparecimento desse flagelo, não tivesse ainda ocorrido aos poderes estaduais um meio seguro de obstar a emigração da já escassa população do Estado, quando a quem, como eu, vendo apenas a coisa de longe, um semelhante meio parece antolhar-se por si mesmo.

Que procura ou anela a população, que sai da zona assolada pela seca? Simplesmente isto: que se lhes dê ao menos a alimentação necessária, e depois trabalho lucrativo, se isto for também possível. Entretanto, nenhum Estado tem, mais do que o nosso, os meios de segurar esse pouco que os famintos suplicam; os quais, certamente se fossem atendidos em tempo oportuno,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

tuno, prefeririam ficar naturalmente na sua terra, do que a emigrar dela.

Em primeiro lugar, teríamos nos mares piscosos da costa norteriograndense a alimentação fácil e farta, não para 20 ou mesmo 50.000 indivíduos, mas para uma população quatro ou cinco vezes maior. E isto se podia fazer sem o grave inconveniente de grandes massas de povo acumulado, porquanto, se a indústria da pesca se achasse largamente organizada e devidamente aparelhada, ela se poderia estender por milhas e milhas da costa marítima, quase toda ela extraordinariamente piscosa.

Em segundo lugar, as terras da região do Agreste, que se estende propriamente desde terras do município de Touros até quase Nova Cruz, talvez cerca de 40 léguas, terras sempre úmidas e frescas, principalmente as marginais dos lagos e alagadiços, teriam a capacidade indiscutível de produzir, por si sós, a alimentação necessária, se não para toda, certamente para uma grande parte da população flagelada. Tudo dependeria, apenas, de que tais terras fossem convenientemente aproveitadas, cada porção para o gênero de cultura apropriada.

E aí temos como e porque, tive a ocasião de dizer pouco antes, que a zona do Agreste podia constituir, por si só, uma riqueza especial do Estado.

Tratando das terras em questão, disse profissional competente, depois de havê-las estudado: “Além destes (refere-se aos vales Maxaranguape e Ceará-Mirim) há perto da costa outros numerosos leitos de vales entre Macau e Natal, os quais devidamente cultivados, podia dar belíssimas compensações no tem-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

po da secas e da fome... A terra desta área sedimentária é ordinariamente mais rica do que a que fica mais para o interior, é de regra, mais regada durante o inverno, e está certamente muito mais próxima para o mercado e para comunicação com o mundo exterior... Perto da costa, a natureza foi muito pródiga em certos sentidos... No mundo inteiro não há provavelmente terra virgem mais rica ou melhor clima para dar produtos agrícolas de consumo nos mercados". (10)

O autor citado falava das terras que, conforme aos seus e aos estudos de outros geólogos competentes, contém água subterrânea, possível de ser utilizada na superfície, com um trabalho maior e menor, segundo as circunstâncias.

Porém não é tudo ainda. Teríamos, em terceiro lugar, em que dar ocupação lucrativa à população flagelada, fazendo-a trabalhar em indústria nossa, que não desaparece com a secas: a extração do sal marinho. Com efeito, se esta indústria, juntamente com a da pesca, estivesse organizada, como desde muito merecia, somente ela seria capaz de dar trabalho para milhares e milhares de operários, tal é a extensão e a capacidade conhecida em que a mesma pode ser largamente explorada.

Quanto à pesca, não precisa dizer que nada existe, nem ao menos encetado, que possa merecer o nome de uma indústria ou exploração econômica.

Quanto ao sal, o que até agora subsiste não haveria exagero dizendo, ou tem obedecido, de preferência, as urgências financeiras do Estado, que tira dele a sua melhor receita, ou ao interesse exclusivo de alguns salineiros, os quais naturalmente



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

visam antes de tudo o seu lucro pessoal e jamais o aperfeiçoamento da própria indústria. (11)

Geólogo de provada competência, apreciando a abundância de sal que as minas de Macau e Mossoró podiam produzir anualmente, não duvidou afirmar que a sua quantidade se podia elevar a ponto de ser suficiente para o consumo anual de toda a China, com a população de 400 milhões de habitantes. (12)

Ora, não é mister acrescentar que se as medidas a que se tem aludido, e muitas outras também já alvitradas e conhecidas, fossem empregadas com a previdência e providência necessárias, o grande infortúnio da secas ficaria certamente reduzido na sua maior parte. E em todo o caso e em qualquer hipótese, não é ele o único nem mesmo o maior responsável, estejamos certos, pelo atraso econômico, no qual o Rio Grande do Norte ainda agora permanece.

Depois de quando foi dito, parecia talvez também oportuno particularizar o que de melhor conviria fazer, no empenho de acelerar ou aumentar o bem estar da população e a riqueza comum do Estado.

Vai, porém, longa demais a presente conferência, para nela ser igualmente explanada matéria de tamanha relevância.

Várias sugestões, umas explícitas e outras implícitas, foram feitas precedentemente neste sentido. E se me fosse lícito tirar para o caso lição da própria experiência pessoal, eu acrescentaria que a primeira condição para chegar ao sucesso almejado depende, não tanto da administração pública, como da conduta e esforço dos próprios indivíduos interessados.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Saiba a população da nossa terra contar, de preferência, em tudo e para tudo, consigo mesma; quero dizer, com o emprego do seu trabalho e esforço, até onde cheguem as suas faculdades; que, com maior ou menor custo, ela há de alcançar ao alvo procurado dos seus fins e interesses econômicos. Aprenda a confiar bastante em si mesma para aquisição ou realização do bem e do aperfeiçoamento das indústrias, a que se dedica. Neste empenho podia porventura lembrar aos interessados uma forma econômica pouco praticada, ou quase desconhecida ente eles; mas que acredito, seria capaz de trazer-lhes numerosas facilidades e mesmo ocasião de maiores empreendimentos. Refiro-me a organização de sociedades especiais entre os que pertençam a uma mesma indústria. A nossa lei estimula e favorece tais associações.

Com efeito, além do direito comum que tem todo o indivíduo de associar-se para qualquer objeto ou fim lícito, temos lei especial (Dec. nº 979 de 6 de janeiro de 1905) autorizando os profissionais da agricultura e indústria rurais de qualquer gênero a organizar entre si sindicatos para o estudo, custeio e defesa dos seus interesses. Sociedades da espécie, cuja organização legal é fácilíssima, teriam, sobretudo, a imensa vantagem de facilitar o uso do crédito dos associados, e deste modo obterem eles mais prontamente os recursos pecuniários de que tanto carecem para o desenvolvimento das suas indústrias. Ao meu ver, seria grande bem, se uma propaganda inteligente fosse feita neste sentido, ao menos por meio dos órgãos da imprensa que já existem nos diferentes municípios do Estado.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Outra sugestão de caráter geral, que me ocorre e cuja eficácia seria evidente, é: se as administrações das trinta e sete municipalidades do Estado se compenetrassem seriamente de que o fim essencial da sua criação, em cada localidade, não é de preferência o serviço da política partidária, mas o bem comum do município, principalmente manifestado pelas boas medidas adaptadas em favor da saúde pública, da viação pública, dos mercados, e de outras necessidades comuns, cuja satisfação mais contribua para elevar o nível moral e material da população. Quisessem eles assim fazer, quisessem elas agir desta sorte e estou persuadido de que seriam as primeiras a verificar quanto o seu conceito e o seu valor moral subiriam aos olhos de todos, mesmo aos dos próprios políticos, muitos dos quais nada mais têm em mente, quando testemunham-lhes interesse e afeto, do que explorá-las no seu proveito pessoal, somente.

Mas mesmo que os homens de maior atividade e competência industrial e comercial, não se queiram organizar em sociedades regulares, uma coisa podiam eles fazer, da qual lhes adviria benefício certo. Podiam criar um fundo local formado apenas de pequenas contribuições, especialmente destinado aos melhoramentos ou misteres mais indispensáveis das suas indústrias, tais com a conservação das estradas, o aperfeiçoamento dos veículos de transporte, a saúde dos gados, a escolha e bom emprego das sementes de lavoura, a conservação dos arvoredos ou da vegetação, ao menos marginais dos rios e riachos, o bom aproveitamento das águas, seja pela irrigação, seja por outros processos, a proibição absoluta da queima das caatingas e das



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

campinas e pastagens, promovendo, a este respeito, comunicações severas por parte do poder público e muitas outras medidas igualmente capazes de benefícios análogos.

Este é o método geralmente seguido pelas populações rurais dos países mais adiantados, como a Suíça, a Alemanha e os Estados Unidos.

Compreende-se bem que, por mais inteligente, perspicaz e observador, que seja o indivíduo, ele não poderá, sozinho, tudo prever ou prover da maneira mais proveitosa, e nem sempre carregar com a despesa necessária. Entretanto, o que não pode só, poderá a cooperação dos esforços ou a ação conjunta dos diversos interessados para um fim ou mister de interesse comum.

Sinto que é tempo de terminar, para não abusar da atenção benevolente do auditório.

Embora por ligeiras indicações somente creio ter lembrado que o Rio Grande do Norte tem inegavelmente elementos seus, próprios, bastante para poder lograr condições muito mais felizes na sua vida econômica; e que se assim não sucede, é por se não ter feito o devido aproveitamento de tais elementos.

Tudo quanto disse, bem sei, ou já tem sido dito por outros, ou está no conhecimento de todos. Acho, porém que não se levará a má parte que eu também viesse a minha vez e ao meu modo particular repetir isso mesmo que ninguém ignora, na esperança de que a repetição da verdade das coisas e da necessidade dos benefícios, a que a nossa terra tem direito, possa, talvez, contribuir para atuar ou estimular uma ação mais firme, uma conduta



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

melhor orientada e mais decidida, por parte daqueles, dos quais principalmente depende a sorte da mesma.

O individuo pode, não há dúvida, por seus dotes morais e intelectuais, elevar-se a maior posição, embora lhe faltem grandes meios econômicos. Mas o Estado que não tiver produção abundante sempre crescente, e em conseqüência, riqueza bastante para garantir bem estar, a instrução, a saúde, os gozos e a prosperidade de todos que habitam o seu território, nunca conseguirá ver o seu nome cercado de apreço público e menos ainda de valor e crédito nas relações mundiais.

Trabalhem, pois, todos os norterio-grandenses, pelo progresso econômico da nossa terra, cada um na medida dos seus esforços, cada um pelos meios que lhe forem possíveis. É um simples dever patriótico.

As minhas últimas palavras são: que o Grêmio Norte-Rio-Grandense prossiga, leal, perseverantemente, na direção traçada pelos seus estatutos; certo de que, assim fazendo, prestará assinalado serviço à terra comum do nosso berço.

(1) – Para ter certeza da verdade destas indicações, as extrai de preferência do excelente livro “O Rio Grande do Norte”, do nosso eminente coestadano, Tavares de Lira.

(2) – Senador João de Lira Tavares, “Economia e Finanças dos Estados”, 1914.

(3) – Domingos Barros, “Aspectos Norte-Rio-Grandenses”, 1908.

(4) – Meira e Sá, “Ecos do Sertão”, 1912.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
**MS
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

(5) – Dias Martins, “A Produção das Nossas Terras”, 1915.

(6) – Meira e Sá, “Ecos do Sertão”, 1912.

(7) – Meira e Sá – idem.

(8) – Dias Martins, “A Produção das Nossas Terras”, 1915.

(9) – Tavares de Lira, Livro cit., pag. 312.

(10) – Ralph H. Sopper, “Geologia e Suprimento D’água Subterrânea no Rio Grande do Norte e Paraíba”, 1913.

(11) – De informações fidedignas recolhidas acerca da indústria do sal no Rio Grande do Norte, verifica-se que a mesma mostra-se muito pouco lucrativa para os que a expiram presentemente. Não obstante carregaram com impostos pesadíssimos do Estado e da União, se encontram eles no maior desamparo por parte do poder público. A União arrecada 1333% sobre o valor do produto; e, no entanto, nunca puderam os seus industriais conseguir que ela mandasse fazer ao menos ligeira drenagem nas águas próximas dos portos de Macau e Mossoró, a fim de poupar-lhes o transporte e embarque, dispendiosíssimo e penoso da sua mercadoria em alto mar.

Por outro lado, o Governo do Estado também só se preocupa de indagar quando há navios carregados de sal, para fazer a arrecadação dos impostos; não tomando nenhuma medida em benefício do desenvolvimento da indústria e nem sequer providenciando para que os despachos da mercadoria sejam feitos de modo a facilitar-lhe os movimentos.

Do processo defeituoso da própria arrecadação resulta a demora freqüente dos navios por tempo mais do que preciso, e daí novos ônus e prejuízos para os produtores.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Tratando-se, realmente de uma indústria capaz de dar os maiores resultados ao Estado e ao país, é evidente que muito outra devia ser a conduta dos poderes públicos para com a mesma.

Dos poucos algarismos que vão em seguida, cada um poderá julgar, por si mesmo, da verdade das coisas a que vimos de aludir.

Custo médio de uma tonelada de sal nos aterros das Salinas de Macau e Mossoró	1\$500
Embarque fora da barra	3\$000
Imposto do Estado (440%) sobre uma tonelada.	6\$600
Imposto de consumo federal (1,33%).....	20\$000
Frete para Santos, aliás em vapores da União (Lloyd) ou subvencionados por ela (Lage irmão) cerca de 2000% sobre o valor da tonelada.	28\$000
Imposto municipal, idem	\$330
Soma	59\$430
Preço atual do sal em Santos inclusive direitos de consumo	60\$000
Saldo resultante	\$570

que seria o lucro do produtor, se ele não tivesse ainda sujeito a despesa do custeio das salinas e a própria diminuição do produto durante o seu embarque e transporte.

Ora, basta atender ao custo mínimo do produto e ao exagero das cargas e sobrecargas, com o mesmo é onerado, para



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

concluir, desde logo, que semelhante indústria não poderá jamais progredir ou prosperar em tais condições. Seria impossível acreditar na incúria com que os poderes públicos se portam para com uma indústria tão futura para os próprios cofres da União e do Estado, isto não deve continuar assim, do contrário, acabarão por matar a galinha dos ovos de ouro...

A título de exemplo, talvez conviesse lembrar que nos Estados do Rio de Janeiro e Ceará o sal paga apenas o imposto de um real por quilograma, sendo garantida à indústria cearense essa taxa por 10 anos.

(12) R. Crandall "Geografia, Geologia, etc." 1910.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

A MANGABEIRA

Oswaldo Martins F. de Souza

Seu nome científico: *Hancomia speciosa* Gomes, com as sinonímias *Apocynum hancomia*, Lin e *Ribeira sorbilis*, Arr, Cam. Pertence à família das Apocináceas Endl., a mesma da espirradeira (*Nerium oleander*), do pau-pereira (*Geissospermum Vellossii*) e da peroba (*Aspidosperma nobile*, *A. passiflorum* e *A. tomentosum*).

Diz Getúlio César (Curiosidades de nossa flora) que a Mangabeira foi classificada por Arruda Câmara com o nome de *Ribeira sorbilis*, “em homenagem ao Padre João Ribeiro de Melo Montenegro, herói da Revolução de 1817, em Pernambuco, que se enfocou para se livrar da prisão, na fuga que os rebeldes fizeram do Recife, em 19 de maio de 1817”.

Convém transcrever pequeno trecho de Manuel Arruda da Câmara (Obras Reunidas – José Antônio Gonçalves de Melo – Fundador da Cidade do Recife – Secretário de Educação e Cultura – Prefeitura da Cidade do Recife 1982 pp 223/224): “Descrevi este novo gênero de plantas novas em Pernambuco, dedicando-a ao meu discípulo o padre João Ribeiro Pessoa Montenegro, Professor em Desenho do Seminário de Olinda: ele é digno desta honra, não só porque tem procurado introduzir nesta Capitania a cultura de algumas plantas úteis e exóticas, mas pela curiosa e filosófica observação que fez sobre um admirável fenômeno na maneira de frutificarem as mesmas plantas manga-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

beiras, que inseri na descrição que delas fiz em um das minhas Centúrias de Novas Plantas de Pernambuco”.

A Mangabeira é muito freqüente nos tabuleiros do Nordeste (CE, RN, PB, PE e AL). Apresenta o tronco ramificado desde o solo. Belo arbusto podendo atingir até 5 metros de altura. Casca cinza escura, rugosa, fendilhada, com ramos novos avermelhados. Folhas opostas, pequenas, estreitas, lanceoladas, com pecíolo liso. Flores quase brancas ou róseas, campanuladas, cheiro discreto. Fruto carnoso, de cor amarela esverdeada, com manchas avermelhadas, quando maduro, muito mole, polpa comestível e suco leitoso. Sua madeira vermelha e rija é na confecção de rodas, moitões e roldanas.

A floração da Mangabeira ocorre entre dezembro e março. Começa a frutificar após cinco anos de idade.

Com os frutos maduros fabricam-se compostas, doces em calda e de corte, sorvete, refresco, xarope, licor, vinagre e álcool. O fruto, quando verde, é venenoso, podendo causar a embriaguez e às vezes a morte.

Propaga-se a Mangabeira por via sexuada (semente). Germina após 30 a 35 dias de plantada diretamente nas covas distantes 6 metros uma da outra, ou em canteiros (sementeiras) medindo um metro de largura por 10 de comprimento. Semeiam-se 400 sementes em 1m² de canteiro. Neste caso, antes do transplante para o lugar definitivo, deve-se proceder à repicagem das mudinhas. Pode-se ainda, aproveitar as mudinhas que nascem espontaneamente debaixo da mangabeira-mãe, para o lugar definitivo.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Seu caule, quando ferido, deixar sair um látex de cor branca, que, em contato com o ar, coagula, dando borracha, a exemplo da maniçoba (*Manihot glaziovii*) e da seringueira (*Hevea brasiliensis*), sendo a da Mangabeira de inferior qualidade.

Oswaldo Martins Furtado de Souza é engenheiro agrônomo e integra a equipe do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

RADAM CONCLUI QUE NÃO FALTA ÁGUA NO NORDESTE

Salvador – Há grande volume de água subterrânea disponível no Nordeste: cerca de 134 bilhões de metros cúbicos por ano, em áreas sedimentares e cristalinas, além de 86 bilhões de metros cúbicos de água superficial. Esta foi a conclusão a que chegou o Projeto Radam-Brasil, na mais completa avaliação dos recursos hídricos da região já feita até hoje, utilizando inclusive imagens de radar.

Agora, quando o órgão vinculado ao Ministério das Minas e Energia acaba de concluir o levantamento integrado dos recursos naturais renováveis e não renováveis do território brasileiro, iniciado há 12 anos, a equipe do Projeto Radam – Brasil não tem dúvida de que, com base nos dados recentemente compilados, uma nova ação do governo e da iniciativa privada pode comprovar que “o Nordeste não é uma região seca, estando em condições de ter água para as necessidades básicas da população durante todo ano”, como disse o diretor Ari Dêlcio Gavedon.

O Radam - Brasil detectou no Nordeste, em 1 milhão de quilômetros quadrados levantados nesse aspecto, aproximadamente 8 milhões de hectares de terras “da melhor qualidade” para irrigação. Entretanto, segundo Ari Gavedon, nem um por cento disso é irrigado atualmente. E desse total, 4 milhões e 700 mil hectares estão no vale do São Francisco.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Em média, a precipitação pluviométrica do Nordeste varia de 400 a 1 mil e 200 milímetros. Mas cerca da metade do território está na faixa de 400 a 600, o que caracteriza uma região semi-árida. Contudo, há áreas anômalas, que variam de zero em certos anos (como a de Santa Brígida, na Bahia) e outras que passam de 2 mil milímetros, como algumas da costa.

No Nordeste, praticamente não existem regiões secas e sim semi-áridas, comenta o diretor de Pedologia (estudo dos solos), Ari Gavedon. Ressalva, no entanto, que se o homem continuar depauperando os recursos naturais, como vem fazendo, brevemente surgirão regiões desérticas. Lembrou que em certos períodos é capaz de chover um mês o que deveria cair durante o ano inteiro, mas a água não é armazenada.

No total, são 220 bilhões de metros cúbicos de água por ano, somente na parte do Nordeste estudada pelo Projeto Radam - Brasil. Isto, somando as águas de superfícies (rios, lagos, açudes e barragens) e as subterrâneas, que podem estar em sedimentos (rochas moles, com água de boa qualidade e em grande volume) ou em cristalinos – rochas duras, de vazão pequena e má qualidade.

Depois de ressaltar que “não se pode chamar de seca uma região que tem um rio São Francisco jogando no oceano 100 bilhões de metros cúbicos por ano”, Ari Gavedon indicou as regiões de maior potencial de água subterrânea, que são as seguintes bacias: do Parnaíba (PI), costeira (PE/AL/PB), do Apodi (RN), Tucano/Recôncavo (BA/PE) e da chapada do Araripe (PE/CE).



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Há áreas, como a da chapada do Apodi, no Rio Grande do Norte, onde estão sendo aproveitados solos de alta qualidade, com culturas nobres: melão, uva, pitanga, maracujá, manga haden. Tudo irrigado com água subterrânea, oriunda de poços com profundidade média de 700 metros, altamente rentáveis, assegura Gavedon.

Essa plantação da Maisa – Mossoró Agro-Indústrial S/A, do grupo cearense Eit, exigiu investimentos de CR\$250 milhões só na abertura de um poço, há mais de um ano, fora o equipamento. Mas, em compensação, utilizando método de irrigação por gotejamento (ficam caindo pingos de água no pé da planta), “a empresa transforma uma região semi-árida num verdadeiro oásis”, segundo o diretor do Projeto Radam - Brasil.

Da fazenda Maisa, que ocupa 23 mil hectares, cerca de mil hectares se destinam ao cultivo do melão e dali sai 50 por cento de todo o abastecimento nacional dessa fruta.

Portanto, está demonstrado que não falta água – diz Gavedon e sim uma política correta de aproveitamento desses recursos hídricos.

Agora, pelo menos por falta de identificação desses recursos disponíveis, o próximo governo não deixará de resolver o problema da secas do Nordeste, garantem os diretores do Radam - Brasil.

Jornal do Brasil, 17 de fevereiro de 1985.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO
MS
SEM

COLEÇÃO
MS
SEM

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

HIPOFISAÇÃO, O MILAGRE DOS PEIXES

O Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) está comemorando este ano o cinquentenário da descoberta da hipofisação de peixes, método idealizado pelo zoólogo gaúcho Rodolpho Von Ihering (1883-1939), que viabilizou a reprodução em cativeiro de peixes de água doce como o dourado, o pacu, o tambaqui, a piaba e outros. São os chamados peixes de piracema, só se fertilizam durante a piracema, isto é, o movimento que fazem em direção à nascente do rio, nadando contra a corrente para a desova.

O método Ihering permite fertilizar peixes criados em açudes e represas. O zoólogo paulista Histoshi Nomura, professor aposentado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e autor de sete livros sobre piscicultura, calcula que cerca de 5% da produção de peixes nos açudes do Nordeste é feita pela hipofisação. A Companhia de São Paulo (CESP) também usa a mesma técnica no Centro de Piscicultura de Pirassununga (SP) para repovoar seus reservatórios.

O método criado por Von Ihering consiste na retirada da hipófise de peixes, que é triturada, preservada em soluções fisiológicas (água desfilada misturada com sais) e injetada em peixes em vias de desova. A hipófise contém hormônios de crescimento que provocam a maturação das gônadas, as glândulas sexuais, levando à produção de sêmen e ovos. Ao injetarem a hipófise triturada nos peixes, os criadores aceleram o final da maturação



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

das gônadas, permitindo a desova das fêmeas e a ejaculação dos machos.

O professor Nomura, 52 anos, é um grande admirador de Rodolpho Von Ihering, de quem se considera “discípulo indireto”, pois trabalhou com dois dos mais próximos colaboradores do cientista gaúcho, Pedro de Azevedo e Rui Simões de Menezes. Referindo-se a Ihering como “o pai da piscicultura nacional”, Nomura não aceita a data escolhida pelo DNOCS para marcar o cinquentenário da criação do método de hipofiseação: 16 de agosto de 1985. Para ele, a data correta seria 22 de fevereiro de 1984.

Foi em 22 de fevereiro de 1935, diz Nomura, que Ihering e Pedro de Azevedo obtiveram êxito ao aplicarem o método de hipofiseação numa fêmea de curimatã-pacu, num açude de Campina Grande, Paraíba. Em agosto de 1935, Ihering já recomendava a aplicação de pelo menos quatro doses de extrato de hipófise (como até hoje é feito) e a utilização do método também nos machos. Por isso, o professor Nomura acha que o ano de 1935 marca a aplicação do método em série, mas foi em 1934 que ele foi aplicado experimentalmente com sucesso.

Em agosto de 1936, Ihering participou do Congresso de Ictiologia e Herpetologia em Michigan, EUA, onde expôs seu método para a comunidade científica internacional. Em seguida, publicou um artigo sobre o assunto na revista *The Progressive Fish Culturist*. A partir daí, o processo passou a ser adotado nos Estados Unidos e na União Soviética.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

Nascido no município de Taquara, RS, em 17 de julho de 1883, Rodolpho Von Ihering era filho do também zoólogo Hermann Von Ihering. Aos 20 anos de idade, já era autor de um trabalho sobre abelhas publicado na França. Mas em 1905 voltou-se para o estudo dos peixes. Em 1931, começou seus experimentos para reprodução de peixes em cativeiro, até o sucesso alcançado com a hipofisacção, em 1934 como quer o professor Nomura, ou em 1935, como quer o DNOCS. Morreu na Capital paulista em 15 de setembro de 1939.

Jornal do Brasil, 8 de Setembro de 1985.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

AÇÃO PARA EVITAR O EXTERMÍNIO DAS AVOANTES

Hitoshi Nomura

No Nordeste brasileiro, para evitar que as avoantes sejam totalmente dizimadas pelos sertanejos, está sendo estudado o estabelecimento de duas reservas para essas aves.

Nos Estados Unidos, a ave selvagem mais abundante era o pombo-singrador, *Ectopistes migratorius*. Nos tempos dos ornitólogos J. Audubom e A. Wilson, estimava-se que havia 5 bilhões de exemplares. Mas foram dizimados impiedosamente. O último exemplar selvagem foi abatido em março de 1900. Os outros viveram em cativeiro até que o último sobrevivente morreu em 1914, no Zoológico de Cincinnati. XXXXX

O Pombo-singrador pertencia à ordem dos columbiformes. No Brasil, há a espécie "*Zenaida auriculata*", com várias subespécie ou variedades como a *Crisanthenia* no Brasil Meridional e Central; "*Z. a. marajoensis*", na ilha de Marajó e Baixo Amazonas; "*Z. a. Noronha*", no Nordeste e no arquipélago Fernando de Noronha.

A última subespécie é muito citada na literatura. Gustavo Barroso descreveu uma arribação de avoantes ou pombas-de-bando, do Ceará. Seu colorido é pardo e mede de 22 a 25 centímetros. Aparece em bandos numerosos em certas regiões nordestinas. O local de pouso do bando é chamado de pombal pelos



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

nordestinos. Antigamente tais bandos eram constituídos de milhares de indivíduos, que chegavam a escurecer o céu quando voavam. Esses acontecimentos ainda sucedem nos meses de abril e junho, quando as pombas fazem as posturas no chão, em ninhos mal arranjados, protegidos pelo xiquexique, jurema e macambira, ou macambira e marmeleiro. O número de ninhos chega a cinco por metro quadrado. Num pombal do Piauí, Álvaro Aguirre observou a seguinte densidade de ninhos, numa área de 25 metros quadrados: 31 com 2 filhotes, 8 com 1 ovo, 1 com 2 ovos e 5 com ovo e filhote.

A imigração não ocorre todo ano para o mesmo local, podendo haver um espaço de dois três anos para bandos voltarem à mesma região, provavelmente devido à caça desenfreada de que são alvo. O local escolhido para a postura depende da quantidade de alimento aí existente, abrigo para os ovos e temperatura adequada para o seu desenvolvimento. Os ovos chocados tanto pelo macho quanto pela fêmea, apresentam dimensões médias de 22 X 30 mm; são esbranquiçados, pesando 6,75 gramas. A incubação demora 15 dias.

Nos primeiros dias, os filhotes são alimentados pelos pais, que usam para isso o tecido epitelial do inglúvio (papo), que se desfaz, formando uma espécie de leite, conhecido como leite de pombo. Esse alimento, parcialmente digerido, mistura-se com a secreção das células endodérmicas, sendo introduzido pelos pais na cavidade bucal dos filhotes.

Em 32 exemplares coletados nos pombais do Ceará e Piauí em 1973, Aguirre encontrou no papo 68% de sementes de eu-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

forbiáceas, 20% de convolvuláceas, 8,8% de gramíneas, 2% de comelináceas, 0,87% de compostas e 0,24% de outras famílias menores. Quanto às euforbiáceas, houve predominância do mameleiro, *Croton jacobinensis*.

O mesmo autor examinou 44 exemplares da subespécie *Z. a. chrysauchenia*, capturados em 1972 na Fazenda Descalvado, Cáceres, MT (O nome vulgar da ave, corrente em Mato Grosso é pararé). As sementes pertenciam a 54% de espécies identificadas, 37% a gêneros (espécies não determinadas), 8% a famílias (gêneros e espécies não determinados) e apenas 0,05% não identificadas a qualquer desses níveis. A principal espécie de semente pertence a "*Croton urbicaefolium*". Essa subespécie vive em pequenos bandos próximos às sedes das fazendas, aparecendo quando o pantanal mato-grossense está seco, de agosto a novembro; durante a época chuvosa, migra para locais ainda ignorados. Geralmente a proporção é de 5 machos para 1 fêmea. Em território paulista, ela é conhecida como pomba amargosa, sendo vista em dezembro. Alguns zoólogos acham que nidifica em árvores, mas Aguirre verificou que em terrenos da Fazenda Esmeralda, município de Taciba, SP, o faz no chão, perto das plantações de abacaxi. Esses ninhos são simples, construídos de fibras de raízes sem proteção no fundo, onde ficam os dois ovos. O ninho da subespécie nordestina é rústico, mostrando gravetos e folhas secas, sendo os dois ovos protegidos pela vegetação, principalmente a bromeliácea conhecida pelo nome de macambira.



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O homem caça as aves por todos os meios: pauladas, bo-doque, armadilhas, espingardas etc. Uma das armadilhas nordestinas é o fojo. O sertanejo procura uma poça de água adequada na margem dos açudes, cerca-a com galhos espinhosos, de maneira que as aves não possam pousar, mas deixando um pequeno espaço para beber. O sertanejo cava um buraco o suficiente para que ele possa ficar em pé, com a cabeça fora da água. Quando as pombas se curvam para beber, ele as vai pegando pelo bico ou pescoço e as afoga. Num dia chega a matar 200 exemplares.

Outro método é o de fachiar, com a claridade da luz, que surpreende as aves empoleiradas nos arbustos durante a noite, elas se deixam capturar facilmente. Emprega-se, também, a arapuca, que no Nordeste não é armada, dois permanece assentada no chão e apresenta uma entrada móvel de madeira, de maneira que as pombas entram, mas não conseguem sair. Outra armadilha é a sangra, um cercado fixo feito de varas fincadas no chão, com altura de 80 cm, e entradas falsas.

Um dono de caminhão arregimenta caçadores, cozinheiros e tratadeiras, num total de 30 pessoas e se dirige para o pombal. As despesas correm por conta dele, que paga ao pessoal por produção. O grupo é conhecido como barracão. Na caça com espingarda, os sertanejos dirigem-se em grupos para as caatingas, sendo guiados por homem que lá recebe o nome de coiói, que por meio de gritos ou qualquer outra senha, os orienta dentro da vegetação para não se perderem. Ele recebe 10% do total abatido. Em 1959, para o dono do barracão, uma pomba adulta valia Cr\$ 2,50, a Cr\$ 0,30 quando se tratava de jovens que esta-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FUNG-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

vam ensaiando o vôo. O intermediário adquiria essas pombas do dono do barracão pelo preço de Cr\$ 3.300,00 a Cr\$ 3.500,00 o milheiro. As aves passavam às mãos das tratadeiras, que as depenavam, evisceravam e salgavam, cobrando Cr\$ 30,00 por centena, e mais Cr\$ 2,00 pelo sal. Depois de prontas, as avoantes eram transportadas em caminhão para as cidades mais populosas. Cada caminhão chegava a transportar 100 mil aves. Um negociante de Fortaleza chegou a receber 10 mil aves num dia, revendendo-as a Cr\$ 75,00 a dezena. Aguirre estimou que a exploração de um pombal durante 21 dias rendia 300 mil avoantes. As avoantes pesam 115 a 130 gramas; quando secas ao sol, 10 delas pesam 562 gramas, variando cada uma de 51 a 59 gramas.

Para evitar que a subespécie nordestina seja totalmente dizimada pelos sertanejos, como ocorreu com o pombo-singrador norte-americano, Aguirre sugeriu a criação de duas reservas: uma da Serra dos Cariris Novos, município de Ajuaba, CE, e outra na Chapada do Apodi, município de Dix-sept Rosado, RN. Nessas reservas poderiam estudar-se suas migrações e dinâmica das populações, além de realizar levantamentos fitozoológicos.

Para proteger a subespécie, é necessária uma campanha de esclarecimento entre os sertanejos, proibição de matança dos jovens, da caça noturna e do seu comércio nos grandes centros urbanos.

O Estado de São Paulo (Suplemento Agrícola). 19-04-1978.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

UMA DEFINIÇÃO DE NORDESTE

Eduardo Campos (Jornalista e Escritor)

A identificação correta dos fatores que concorrem para desestabilizar a economia e a vida dos que se vulneram à ação das grandes estiagens, só em época mais próxima do nosso tempo, contribuiria para exprimir a conscientização das responsabilidades assumidas pelo mecanismo administrativo em favor do Nordeste, território geográfico com 1.542.271 km², dos quais 950.000 estão hoje incrustados no chamado Polígono das Secas, onde vivem (conforme o IBGE, 1982) 21.711.161 pessoas.

Nordeste, no dizer de Gilberto Freire vocábulo desfigurado pela expressão “obras do Nordeste”, que significa: “obras contra as secas”, acabando por conceituar “sertões de areia seca”, de “paisagens duras”, e “mandacarus”, e animais “angulosos”.

A essa imagem apreendida pelo tempo, e se acrescente, formada pelo sofrimento do povo, antagoniza-se a outra face do antecúmero sáfaro: o das “árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos: de gente vagarosa e às vezes arredondada, quase em sanchospanças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana etc, etc”. (In “Nordeste”, 1937).

Pretendido assim esse território particularizado pela paisagem de massapé, terra visquenta, gulosa d’água, encharcadora,



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

que se estende da área do Recôncavo, ao Maranhão, centrando-se em território pernambucano.

Mas em rigor o Nordeste não está só na região mencionada pelo sociólogo; existe, com ilhas de verdume, de abundância inesperada, em vários pontos da cercadura ecológica em que se inserem os largos espaços do semi-árido do Polígono, como sucede no Ceará, a exemplo, representado às vezes por pronunciamentos orográficos não de raro elevados a 800 metros sobre o nível do mar.

Tem considerável contributo no regime climático do Nordeste as projeções montanhosas, cujas precipitações são fatores importantes “sobre os totais pluviométricos”, circunstância que “acaba por tomar a distribuição da duração no período seco muito complexo”, (Edmont Nimer, in “Climatologia da Região Nordeste do Brasil”).

Ainda sob análise científica “as saliências locais do relevo abreviam o período seco, enquanto as depressões o prolongam, mesmo tratando-se de topografia cujos acidentes não sejam muito importantes do ponto de vista morfológico...” (Edmon Nimer, *idem*).

Enquanto na área do Raso da Catarina (Bahia) decorrem de 10 a 11 meses secos, e em outras depressões estes abaixam até o total de 7, Guaramiranga (Ceará) “não possui um mês seco, quando sua área circunvizinha apresenta sete...” (Edmon Nimer, *idem*).

Na verdade, são vários os Nordeste, se o entendemos pelas diferenciações de suas regiões fisiográficas, nem sempre



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
SEM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

amenas, que ásperas são, e contundentes, os brutais como as contemplou J. Tricart (In “As zonas morfoclimáticas do Nordeste”), caracterizando sob essa designação pouco amável, mas bastante severa, a zona da mata, a zona do agreste e a zona do sertão, esta a que patrocina e conceitua mais demoradamente a geografia humana da Região, onde os chãos têm pedagogia própria de existência, compatibilizada com as alternâncias do clima, do qual decorre sua “vegetação Xerófila em grande parte endêmica, fruto de uma longa adaptação, que é ela também um sério argumento em favor de uma relativa estabilidade das condições paleoclimáticas”. (J. Tricart, *idem*).

É imperioso aprender a conviver com as disparidades do regime pluviométrico da região, onde a “desigualdade na repartição das chuvas durante o ano assume (...)” feição das mais contrastantes do mundo (Edmond Nimer, *idem*).

A insuficiência de chuvas, a distribuição desigual destas, em anos calamitosos, predisuseram o homem a adotar estratégia de resistência. Desse modo, em estágio primitivo, sucedia com os índios que, apercebidos da importância d’água, diligenciavam represá-la, preocupação que não esmorece. Quer-se a medida por instintiva, comum a outras expressões geográficas que amiúde, experimentam a escassez prolongada de recursos hídricos.

O habitante do semi-árido mais áspero e adusto que possa existir possui classificação sobremodo pertinente para o terreno em que pisa: “solo de pedra”, qual o da caatinga do Rio Grande do Norte, que apura subsolo de chistos cristalinos (gnaisse, xis-



Banco do Nordeste
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**
COLEÇÃO
MS
SEM
MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

tos micáceos, anfibólicos e cloriticos) e metamórficos (quartzitos, xistos micáceos argilosos e calcários), e rochas eruptivas maciças (granitos, dioritos etc). Terreno vocacionalmente inclinado a apressar o escoamento desembaraçado das águas, de que resulta a retenção de parte “relativamente pequena”, destinada a manter fontes e cursos d’água perenes”. (Orville Derby, In “Aspectos de um problema econômico”).

Outro tipo de solo do Nordeste seco é o das chapadas, (formado por sedimentos arenosos, argilosos e calcários, de fraca consolidação). (Conforme Orville Derby).

A caatinga desolada, no agudo de adustão, é “formação vegetal aberta, com grandes manchas de rocha ou solo nu, tanto maiores quanto mais seco é o clima, ou quanto mais degradada a área pelo homem. Tudo isso colabora para favorecer o escoamento superficial, fato especial da região xerófila. As gotas das chuvas torrenciais, violentas, batem no solo, principalmente porque o mesmo ficou dessecado durante meses”. O escoamento se processa, inevitável, transformando-se em enxurros, cuja “possível concentração fica impedida pelos arbustos com raízes profundas demais para serem derrubadas... “A areia então se desprende, desce carregada pelas águas: é retida desce novamente, e outra vez é presa pelos mesmos obstáculos, enquanto a lama, diferentemente, chega fácil “aos pés das escarpas e é transportada para fora pelas correntes”. (C.J.M. Mabesoone in “Ambiente semi-árido do Nordeste Brasileiro”).

Numa cercadura de limitações não apenas de caráter ecológico e geográfico, mas de débil economia, sob a tutela de co-



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

ronelismo oligarca, a que não faltam as manifestações de mandonismo e o patrocínio confesso a clientelismo privilegiado, o Nordeste desses dias e até por muitos anos depois, está representado sociofisiograficamente pelos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Esta fase só recentemente começou a ser estudada com mais profundidade, e custa crer se houvesse demorado tanto a surpreender aqueles detalhes que inferem na região, com defeitos e qualidades, para, ao final, restarem mais os últimos do que os primeiros.

(Do livro, inédito: “O DNOCS e o Novo Nordeste”: uma perspectiva história 1909-1984).



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE



www.colecaomossoroense.org.br

A RAPADURA INFLUI NA RESISTÊNCIA DO SERTANEJO

O sertanejo nordestino é tido e havido como padrão de resistência orgânica, e a prova mais conhecida é a maneira com que suporta pacientemente a calamidade das secas, durante longos períodos.

Quando o cearense ou o paraibano é assaltado pelo desespero, é que a fome assumiu uma intensidade que o põe à beira da loucura. E mesmo assim não se abate, porque ainda tem coragem de emigrar.

A propósito da resistência do cearense, um observador honesto chegou a dizer que é quase prodigioso como resiste ele em meio às condições mais precárias que imaginar se podem. Alimentam-se muitas vezes quase que somente de feijão de corda e rapadura. Feijão cozinhado na água e no sal. Um pouco de milho e um pouco de café completam a reduzida refeição.

O que se passa no Ceará, relativamente à alimentação do sertanejo se aplica perfeitamente à Paraíba. São os mesmos costumes e os mesmos recursos.

Atribuem-se à rapadura qualidades especiais em matéria de nutrição. É que rapadura, ao contrário do açúcar, não contém apenas hidrato de carbono. Não é apenas alimento energético. Segundo alguns estudiosos, contém, como o caldo de cana também excelentes propriedades nutritivas, sendo rica em vitaminas.



**Banco do
Nordeste**
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS
EM** MOSSOROENSE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.colecaomossoroense.org.br

O paraibano dos campos (caatingas, brejos e sertões) não dispensa a rapadura na sua dieta ordinária. Com ela adoça o mingau da criança, adoça o café, o arroz, o angu e tudo o mais que em outras partes se mistura o açúcar. O mel da rapadura é apreciado como excelente sobremesa, mesmo aqui na cidade, por pessoas de tratamento. Não poupemos louvores à rapadura, que tantas virtudes possui como elemento de saúde e de força.

A Imprensa (João Pessoa) 16 de Dezembro de 1952.